

RESISTIR com + FÉ



EVANGÉLICOS E TRABALHO DE BASE

RESISTIR COM FÉ

EVANGÉLICOS E TRABALHO DE BASE



Cartilha do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Fevereiro de 2022



A classe trabalhadora tem evangélicos!

Bem-vinda e bem-vindo à cartilha **Evangélicos e o Trabalho de Base**. Convidamos você a trilhar um caminho possível para nos relacionarmos com as diferentes e contraditórias expressões da fé popular evangélica, tão presente nas nossas periferias e territórios dos campos e das cidades brasileiras.

Para elaborar esta cartilha, entrevistamos diversos evangélicos e evangélicas, de diferentes vertentes e opiniões: progressistas, conservadores, em disputa. Também ouvimos, absorvemos e acompanhamos os desafios e superações do trabalho de base dos militantes nos territórios, que encontram evangélicos no cotidiano da luta e precisam lidar com esse novo cenário. Mergulhamos no profundo do fenômeno religioso, desde a literatura até a participação em cultos evangélicos, com suas possibilidades, contradições e fissuras, e encontramos, muitas vezes, o inesperado.

Esta cartilha não seria possível sem a ajuda das muitas mãos e mentes, então, expressamos nossa gratidão à leitura atenta e crítica da Coordenação Político e Pedagógica da Pesquisa “Evangélicos, Política e Trabalho de Base” e de outros companheiros e companheiras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores Por Direitos (MTD) que se dedicaram a essa construção. Agradecemos a parceria com os companheiros do coletivo Espiritualidade e Solidariedade do Distrito Federal.

Começamos esta cartilha com a constatação de que a classe trabalhadora tem evangélicos, assim como fiéis de outras religiões e tradições. Mas então, por que falar apenas sobre os evangélicos? Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que o nosso campo de esquerda se distanciou da religiosidade popular, que em outro momento era majoritariamente católica e agora passa a ser cada vez mais evangélica. E então, o que muda com isso? Muita coisa!

A mudança da paisagem religiosa brasileira tem impactos na política e na luta de classes: se não conseguimos nos comunicar mais com o povo, mover corações e mentes para a luta, não avançamos no projeto popular para o Brasil. Temos como objetivo compreender as bases dessa nova configuração de classe que passa a ser essencial para a Batalha de Ideias, sem que com isso percamos a dimensão e importância do diálogo com outras religiosidades.

Em segundo lugar, é necessário que deixemos de lado nossos preconceitos com a fé evangélica, e aprendamos a olhar além de nossas limitadas lentes. Precisamos ir ao encontro de nosso companheiro e companheira de classe, que tem sua fé, mas que também sofre com os males das políticas neoliberais e excludentes tão presentes na atualidade. E por fim, compreender que o projeto de uma religiosidade popular tem um propósito estratégico revolucionário, visto que a fé impulsiona práticas de transformação! A fé pode e deve influenciar o projeto histórico emancipatório e para isso precisamos lembrar seu caráter profético, de denunciar os males de seu tempo e apontar novos horizontes justos.

Para trilhar esse caminho, composto por oito momentos, começamos por essa introdução que nos leva a compreender: a classe trabalhadora é religiosa e há uma tensão com o segmento evangélico. E o que fazemos com isso?

Ouvimos, incessantemente, quase como um mantra, que a esquerda “precisa falar com os evangélicos”. Em alguma medida, isso é verdade. Há uma parte da esquerda que ainda não entendeu a importância simbólica e numérica dos evangélicos no atual cenário político. Mas é importante reconhecer que já existe um trabalho de base com essa população em curso,

que mostra que o diálogo entre a fé e a política é não apenas possível, como urgente e necessário. Como podemos potencializar essa prosa?

No primeiro momento vamos encontrar a pergunta: “quem são os evangélicos?”. Aqui vamos trazer mais elementos históricos e teológicos para entendermos algo que vamos repetir muito por aqui: não podemos generalizar os evangélicos, pois a pluralidade está presente, e homogeneizar é cair na armadilha que a direita quer que caiamos. Em uma das entrevistas que fizemos, ouvimos de uma companheira evangélica do MST que “a igreja é muita coisa!”, uma frase na qual cabem muitos sentidos, sentimentos e contradições.

No segundo momento, vamos refletir sobre qual o motivo de os evangélicos terem crescido tanto. Por que as pessoas vão às igrejas? O que buscam e o que encontram por lá? E para entendermos isso, precisamos rever o que nós, enquanto esquerda, pensamos sobre os evangélicos. O terceiro tópico é para encontrar nossas limitações acerca da religião dos evangélicos e o reconhecimento que na maior parte das vezes não soubemos – e não sabemos – lidar com quem professa essa fé.

Sabemos que os evangélicos também têm suas construções sobre a esquerda, por isso, no quarto tópico, queremos entender o que eles, de fato, pensam sobre nós? Como chegaram a essas elaborações e quais foram? É necessário que compreendamos possíveis mistificações que possam ter sobre nós e como trabalharmos nelas. Avançando nisso, temos que lidar com o fundamentalismo religioso presente nas igrejas, desde as grandes até as pequenininhas, nas garagens das periferias. No quinto momento, vamos ver o que é o fundamentalismo e como funcionam suas táticas discursivas. De saída, aliás, é preciso que nos perguntemos: todos os evangélicos são fundamentalistas? Não! Esse é nosso sexto tópico: Quem são esses que disputam a fé a partir de dentro e que temos como companheiros e companheiras em nossa luta?

É impossível falar dos evangélicos no Brasil sem falar sobre as políticas de gênero e sexualidade. A sétima parte vem trazer esse diálogo espinhoso entre religião e gênero, tão necessário para aprendermos a tecer com nossa base, de uma maneira que consigamos romper as barreiras e visões fundamentalistas sobre o tema.

Nossa última e oitava parte é a **Batalha de Ideias: como falar e o que falar?** Aqui não temos a pretensão de dar uma receita de bolo, mas possibilitar ferramentas para utilizarmos em nosso trabalho de base, assim como provocar a reflexão: quais as ferramentas que carregamos há tempos, mas que não funcionam mais? Pensaremos **como a fé pode ser um instrumento da busca por uma vida digna**. Unir os dois campos é mais que vital para nosso trabalho de base nos territórios.

Por fim, em nossas considerações finais – ou nem tão finais assim – voltamos ao início dessa cartilha: **Evangélicos são companheiros de classe, ainda que em disputa**. E vamos juntos e juntas, tecendo caminhos para que nossos companheiros e companheiras evangélicas se somem a nós na luta por justiça e igualdade.

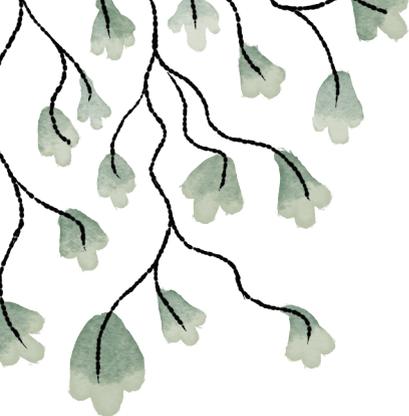


1. Mas então, quem são os evangélicos?

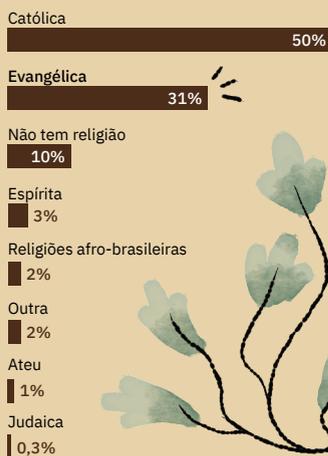
É possível que você já tenha se perguntado: quem são os evangélicos? A gente ouviu um bocadinho de coisa na tentativa de ter essa resposta, que não é nada simples, afinal, os evangélicos não são um bloco só! Então, comecemos a costurar a resposta com esse dado importante, que muitos do nosso campo popular se esquecem, que é o fato que é impossível generalizar os evangélicos. São tantas igrejas, tantas crenças e ritos, tantas leituras bíblicas que por vezes a voz dos poderosos se sobressai, tentando minar toda pluralidade, destilando seus fundamentalismos em diversos meios de comunicação. Acabamos caindo na armadilha de que “os evangélicos” são esses homens, em sua grande maioria brancos, que gritam enfurecidos seus preconceitos e fundamentalismos na TV. E isso é uma estratégia muito bem construída que afasta a esquerda e o campo progressista da classe trabalhadora, que hoje tem se identificado com a fé cristã evangélica.

Ao contrário do que tantas vezes aparece nas mídias comerciais, o rosto evangélico não é de um homem branco raivoso gritando suas palavras fundamentalistas. Segundo pesquisa divulgada pelo Datafolha em janeiro de 2020, o rosto evangélico brasileiro é de uma mulher negra, moradora da periferia.

Segundo dados divulgados pelo IBGE em 2010, o maior número de evangélicos não está nos



Religião dos brasileiros:



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo país em 5 e 6 de dezembro (2019); margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.



grandes templos das grandes denominações, mas nas pequenas igrejas de bairro das periferias de nosso país. Ainda não existem pesquisas divulgadas sobre o percentual de mulheres evangélicas nas periferias, mas quem faz o trabalho de base sabe que são muitas; arriscamos dizer que a maioria das mulheres moradoras dos bairros mais populares em diversas cidades de nosso país são evangélicas ou de famílias evangélicas. Por isso, não dá para pensarmos em fazer trabalho de base sem considerarmos essa dimensão tão fundamental da vida dos trabalhadores, principalmente das trabalhadoras.

Vale também lembrar que a fé, para os evangélicos, é vivida no cotidiano, ou seja, não está só na igreja, está nos encontros nas casas dos irmãos, na linguagem, na estética do bairro, nos grupos que acontecem fora e dentro da igreja, e nas células. Assim, é muito difícil encontrar um “evangélico não praticante” em nossas periferias. Na pesquisa Datafolha de 2016, 65% dos evangélicos costumam ir à igreja mais de uma vez por semana, e 22% vão pelo menos uma vez por semana. Há ainda 8% que vão pelo menos uma vez por mês, 3% que vão pelo menos uma vez por ano e 3% que não costumam frequentar cultos ou serviços religiosos. Entre os católicos, 17% vão à igreja mais de uma vez por semana, e 37% pelo menos uma vez por semana.



O que são as células nas igrejas evangélicas? Elas existem em algumas denominações, são espaços coletivos muito importantes para a socialização entre irmãos, com uma metodologia bastante eficiente no fortalecimento de laços e na propagação de ideias: células são espaços “*onde os indivíduos se reúnem nas casas dos fiéis com o intuito tanto de atrair novas pessoas para a igreja quanto de estimular a criação de novos líderes. Na prática, essas células atuam como uma espécie de pequena igreja doméstica, cuja meta principal é a multiplicação para outras células*”. As células possibilitam, literalmente, que o irmão adentre na vida do outro irmão, trocando não só ensinamentos bíblicos, mas questões de sua vida para além da Palavra.

Para entender quem são os evangélicos no Brasil hoje, é necessário fazer uma viagem no tempo e compreender um pouco de onde e como surgem os evangélicos, ou melhor, o protestantismo. Primeiro, é importante

dizer que a religião sempre esteve ligada a conflitos políticos, e que ela inclui organizações que podem ser um contraponto no sistema de poder vigente ou podem apoiar a dominação, como aconteceu com a aliança entre o cristianismo e o Império Romano.

O protestantismo surge a partir das propostas de reforma da Igreja Católica Apostólica Romana por Martinho Lutero, com seu estopim em 1517 e as 95 teses nas portas da Catedral de Wittenberg, na Alemanha. Um dos pontos mais conhecidos da Reforma Protestante foi a questão das vendas de indulgências (a venda do perdão dos pecados, salvação), por isso um dos pontos centrais do protestantismo até hoje é a **salvação pela Graça** – ou seja, não há nada a ser feito, apenas a misericórdia de Deus, na figura de Jesus, para a humanidade alcançar a salvação. Mas a Reforma Protestante não para por aí, ela também teceu críticas à centralidade do papismo da época, rompendo com a tutela eclesiástica e dispondo aos cristãos e cristãs a leitura bíblica traduzida em línguas locais.

O desenvolvimento do protestantismo é uma história muito longa para esta cartilha, entretanto, é importante pontuar que o seu florescimento impactou a história do Ocidente, contribuindo para as noções de sociedade, liberdade e direitos humanos. O protestantismo com João Calvino, na França, contribuiu para o surgimento do capitalismo em seus primeiros passos, tendo quase uma relação parasitária com o sistema, como apontou Walter Benjamin em seu famoso texto “Capitalismo como Religião”, escrito em 1921.

A característica no protestantismo de processos mais individualizados da fé, como a própria salvação, teve usos políticos em diferentes tempos históricos. É comum ouvir nas igrejas evangélicas: “a salvação é individual”! Assim, os vislumbres das bênçãos de Deus podem se refletir também no **“aqui e agora”**, em forma de prosperidade financeira, de recompensa pela disciplina e ética protestante do trabalho, entre tantos outros fatores.

Voltando para o Brasil, é importante lembrar que a colonização de exploração feita por Portugal teve o suporte da Igreja Católica e um dos traços desse processo foi a catequização dos povos nativos e de povos escravizados trazidos de outros continentes para o trabalho forçado. Colonos europeus católicos vieram também para expandir as terras recém conquistadas.

Portanto, a fundação de nosso país teve a marca católica colonial, e, ainda hoje, a paisagem religiosa brasileira é de predominância católica, embora atualmente o cenário esteja mudando com a ascensão dos evangélicos. Não se pode perder de vista que a propagação do protestantismo no “Terceiro Mundo”, ou das neocolônias, é parte de um projeto histórico de dominação, colonização e neocolonização: é parte da estrutura de poder das classes dominantes.

A partir de 1810 começaram a chegar protestantes diversos, como anglicanos e luteranos alemães, devido às políticas de incentivo para a vinda de imigrantes como força de trabalho assalariada, visto que a escravidão já estava em vista de se diluir por conta de pressões externas. Esse fenômeno é conhecido como “protestantismo de imigração”.

Pode-se dizer que a presença dos protestantes no Brasil, de maneira mais forte, se deu pelos movimentos missionários europeus e norte-americanos no início do século 19 e são conhecidos como “protestantes históricos”. Suas denominações mais comuns no Brasil são: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Metodista do Brasil e dissidências destas, como a Igreja Presbiteriana Independente e as igrejas Batistas. É importante dizer que as igrejas reformadas, ou ditas protestantes históricas, também são evangélicas. Quando falamos ‘evangélicos’ também estamos falando dessas igrejas e, embora sua liturgia e rito possam ser mais tradicionais, muitas vezes semelhantes à Igreja Católica, na prática, fazem parte desse grupo plural que são os evangélicos e bebem de uma mesma base teológica. Portanto: vale dizer que os pentecostais também são protestantes.

De onde surge, então, o pentecostalismo que tanto cresce no Brasil?

O pentecostalismo tem suas raízes nos Estados Unidos, desencadeado pelo Movimento da Rua Azusa que aconteceu em 1906, em Los Angeles. Fiéis, em sua maioria negros, pobres e imigrantes, vivenciaram por meio do testemunho do pregador negro William J. Seymour, uma experiência catártica e espiritual, incorporando a africanidade daquele povo,

expressa em seus corpos e suas músicas. O movimento foi criticado pela ortodoxia protestante por conta de sua nova liturgia. No entanto, foi a partir desse movimento que brancos e negros tiveram que dividir espaços de culto, ainda que com toda a carga de preconceito a que uma sociedade marcada pelo racismo estava sujeita. O movimento criou fama internacional e se expandiu no mundo inteiro, fruto também dos processos migratórios que aconteciam em diversas regiões naquele momento. Olha só! Muitos de nós já generalizamos os evangélicos, colocando-os em um mesmo caldo de conservadorismo e messianismo cego, mas pouco falamos que suas raízes foram também gritos de resistência do povo negro empobrecido querendo viver sua espiritualidade em diálogo com sua ancestralidade.

O pentecostalismo chegou ao Brasil no começo do século 20 e pode ser compreendido a partir de três ondas. Elas são classificadas do ponto de vista histórico e também das distintas narrativas e liturgias. Apesar de os missionários que trouxeram o pentecostalismo ao país serem europeus, eles tiveram destacada passagem pelos Estados Unidos, absorvendo as experiências litúrgicas que aconteciam naquele país, especialmente em Chicago, onde floresceu a vertente.

1. A primeira onda surge com a chegada da Congregação Cristã (São Paulo), fundada em 1910 pelo missionário italiano Luigi Francescon, e da Assembleia de Deus (Belém), fundada em 1911 pelos suecos Gunnar e Frida Vingren e Daniel Berg. Dentre suas características, destacam-se a presença de fiéis majoritariamente pobres, a importância bíblica no cotidiano, o dom de falar em línguas, a crença na volta iminente de Jesus Cristo, o ascetismo e a rejeição “ao mundo”.
2. A segunda onda do pentecostalismo aconteceu na década de 1950, em São Paulo. A Igreja Evangelho Quadrangular traz o evangelismo de massa, centrado na cura divina. É nesse momento que se inaugura a ida “ao mundo”, com a utilização do rádio para difundir as ideias. A população mais pobre continua sendo a mais atraída pela igreja. É nesse momento, em razão das curas e das pregações públicas, que os evangélicos passam a ser vistos para além da igreja, muitas vezes ridicularizados e acusados de charlatanismo.

3. A terceira onda é o que muitos chamam de neopentecostalismo. Ela se inicia na segunda metade dos anos de 1970, ganha força nas décadas de 80 e 90, se expande nos anos 2000 e segue crescendo até os dias atuais. Tem como símbolo principal a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), criada no Rio de Janeiro. Outras denominações consideradas neopentecostais são a Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Mundial do Poder de Deus, Sara Nossa Terra, Bola de Neve e tantas outras pequenas denominações e comunidades autônomas espalhadas pelo Brasil.

É preciso sublinhar que o neopentecostalismo não supera as ondas anteriores, dado que a Assembleia de Deus se mantém como a maior denominação evangélica no país. No entanto, é necessário percebermos as formas e os graus de alcance desse último movimento, dado a intensa visibilidade nos grandes meios de comunicação, que culminaram em uma ampliação nos espaços institucionalizados de participação política. Podemos destacar figuras como o bispo Edir Macedo, missionário R. R. Soares, apóstolo Estevam Hernandes, pastor Silas Malafaia, bispo Valdemiro Santiago, pastora Damares Alves, apóstolo Rina, pastor Marco Feliciano, apóstola Valnice Milhomens, pastora Cassiane, entre outros. Alguns pontos devem ser sublinhados acerca dessa explosão neopentecostal na década de 1990: ela coincide com o avanço das políticas neoliberais introduzidas no continente e algumas teologias que corroboram para o fortalecimento de tais políticas, tais como:

Teologias da Prosperidade (acumulação de bens materiais como sinal de benção divina, ser filho/a de Deus é sinônimo da vitória) e da Guerra Espiritual (ideia da destruição de todo o mal que impede as bênçãos da prosperidade, guerra contra potestades do mal, normalmente vinculadas às religiões de povos originários e tradições africanas) se misturam à conjuntura neoliberal;



Teologia do domínio, ou reconstrucionismo, que surge nos anos 1970, nos Estados Unidos e que busca a reconstrução da teocracia, oferecendo uma cosmovisão cristã para a obtenção e manutenção do poder de evangélicos/as em esferas públicas. Está muito vinculada à ideia de “guerra espiritual”, de luta contra um inimigo que pode atuar em diversas áreas da vida.

Dentro dessa multiplicidade dos movimentos evangélicos, suas negociações, contradições e pertencas, podemos distinguir três grupos, que servem para a compreensão acerca dos evangélicos e para estratégias do trabalho de base:

- **evangélicos conservadores:** nesse grupo se encontram os evangélicos que seguem pessoas como Silas Malafaia, Marco Feliciano; que buscam resgate de supostos “valores da família tradicional” e são contra tudo o que se remete a pautas identitárias ou de direitos humanos. É importante ressaltar que vão além de fiéis de linhas pentecostais, também fazem parte os reformados-calvinistas, como é o caso de teólogos e pastores como Augustus Nicodemus, Franklin Ferreira, Milton Ribeiro, Damares Alves. Em nome de ditos valores, os quais nem eles praticam, escondem e disfarçam seu apoio político e prático a diferentes formas de controle social, justificando opressões, legitimando mecanismos de dominações e as formas mais brutas de exploração. Esses poderosos precisam ser combatidos, não há diálogo com essa linha “teológico/política”, são nossos inimigos.
- **evangélicos em disputa:** esse segundo grupo é importantíssimo para nossa pesquisa e para a militância, pois são pessoas que vivem o cotidiano da igreja, reproduzem de alguma forma alguns conservadorismos, mas são sensíveis a algumas pautas sociais quando não abordadas por uma linguagem elitizada ou mesmo vinculada a alguns de nossos bordões. É um grupo que temos que pensar estrategicamente em como dialogar, sermos cuidadosos e entendermos que, ainda que reproduzam discursos conservadores, são trabalhadores que podem estar ao nosso lado na luta.

- **evangélicos progressistas:** esse grupo deve ser considerado companheiro, pois compartilha das pautas progressistas, podendo variar a intensidade a temas sensíveis, linguagem etc. Podemos pensar nesse grupo em duas subcategorias: a) militantes do movimento social que são evangélicos, mas sua identidade de luta é pela terra, pela moradia, etc, e b) evangélicos para quem a luta se dá a partir de sua fé, atuação na igreja, pastorais e coletivos religiosos.

Essas definições de cada momento histórico e das características mutantes das igrejas e movimentos evangélicos não são definidoras de toda a complexidade crente nos territórios brasileiros, mas são elementos importantes para refletirmos como algumas das características que balizam os discursos de cada igreja serviram muitas vezes para discursos e ações opressoras e conservadoras, assim como também elementos de resistência. Saber dessa complexidade crente é fundamental para não criarmos falsas generalizações.



CONVERSE COM SEU GRUPO / COLETIVO / NÚCLEO DE BASE:

Você sabe sobre a fé de seus companheiros e companheiras de luta? Vale uma conversa sobre isso! Que tal criarmos um espaço acolhedor e respeitoso e perguntar a cada um e cada uma sobre suas histórias de fé, sobre os espaços religiosos que já frequentaram, suas experiências sobre o tema em suas famílias? Veremos que a maioria de nós temos uma trajetória religiosa e que em muitos ela é ainda vivenciada, mesmo que separadas das instituições.

...





2. “A Igreja é muita coisa!” Crescimento e trabalho de base evangélico

Em uma das entrevistas que fizemos, ouvimos de uma companheira evangélica do MST que “a igreja é muita coisa!”, uma frase em que cabe muitos sentidos, sentimentos e contradições. Apresentamos alguns pontos históricos dos evangélicos e seus desenvolvimentos no mundo e no Brasil, mas ainda nos restam algumas dúvidas: por que os evangélicos cresceram tanto nessas últimas décadas? No último Censo do IBGE, em 2010, os “evangélicos de missão” eram somente 4% da população, já os “pentecostais” eram 13,3% (e outros 4,8% se disseram somente “evangélicos”), mas as estimativas mais recentes calculam que mais de 30% da população se identifique hoje como evangélica. Esse crescimento é fruto, sobretudo, da expansão das igrejas neopentecostais, cuja visão teológica, práticas litúrgicas e formas de organização têm feito sentido para a vida de milhões de brasileiros.

Além disso, o processo de periferização dos grandes centros urbanos é terreno fértil para o pentecostalismo florescer. Depois de serem empurrados para as periferias longínquas da cidade, sem infraestrutura e com enorme carência de serviços públicos mais básicos, os trabalhadores acabam sendo acolhidos pelas igrejas evangélicas periféricas, onde encontram apoio físico e espiritual. Ou seja, assim como as comunidades católicas dos

Evangélicos – Região do país:



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo país em 5 e 6 de dezembro (2019); margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.



bairros periféricos cumpriram um papel de organização e acolhimento da classe trabalhadora, as igrejas evangélicas também estiveram nesses territórios, ainda que absorvidas por distintas formas de atuação.

As respostas são misturadas e diversas e se complementam, tentando dar conta das complexidades... Mas vamos pensar a partir de duas dimensões, a do trabalho de base nas periferias urbanas e rurais que as igrejas têm realizado nos últimos anos e também no projeto de poder que vem se articulando na surdina, e não é de hoje. Algumas características devem ser levadas em consideração para esse momento de expansão e de uma maior repercussão nacional. Primeiro, o processo de migração aos grandes centros urbanos e, segundo, um novo estilo de proselitismo a partir de meios de comunicação massificados, tendo influência inclusive no protestantismo histórico.

Evidentemente, a explosão do número de fiéis evangélicos demonstra que tais igrejas vêm sendo capazes de responder a necessidades concretas (de ordem subjetiva e objetiva) de parcelas cada vez maiores do povo brasileiro em tempos de neoliberalismo. Aliás, não é coincidência o fato de que a implementação de políticas neoliberais no Brasil, inaugurada com o governo Collor no início dos anos 90, tenha se dado justamente na década que marca a primeira grande guinada no aumento do número de fiéis pentecostais no país. É neste cenário psicossocial que se dá a ascensão das igrejas pentecostais, que pode ser entendida como uma tentativa da própria classe de lidar com os imensos desafios de sua vida cotidiana.

Vale aqui uma reflexão: Com o processo de desindustrialização e reestruturação do mundo do trabalho que atravessou a década de 90, muitos trabalhadores perderam não só seu emprego, mas seu espaço de sociabilidade e luta coletiva, dado que quando estavam nas fábricas tinham a possibilidade de se organizarem coletivamente para melhores condições de vida. Com o fim dos postos de trabalho nas indústrias, sobra para nossa classe, geralmente, trabalhos precarizados, influenciando inclusive nas condições de moradia – as pessoas precisam muitas vezes morar em lugares mais periféricos, “sem história”, dado que a extenuante jornada de trabalho e o tempo



enorme no transporte transformou muito desses bairros em bairros-dormitórios. A igreja absorve a necessidade de socialização, transformando as pautas coletivas em pautas individuais, ressignificando a identidade de trabalhadores, transformando-os em irmãos. Mas os problemas, obviamente, permanecem. Resgatar a história coletiva de nossa classe é tarefa fundamental, construir junto aos irmãos sua identidade trabalhadora a partir de suas próprias histórias é um caminho possível e necessário!

É importante pensarmos também que o trabalho de base feito pelo campo popular progressista, principalmente junto às igrejas cristãs nas décadas de 70 e 80, não foi derrotado porque era ineficiente, pelo contrário. Havia uma correlação de forças que impediu o avanço daquelas lutas para conquistas mais estratégicas, mas foi um trabalho que rendeu muitos frutos e reorganizou a classe trabalhadora em seus territórios a partir de diversas lutas por direitos. O que isso tem a ver com as igrejas evangélicas de hoje? Ao observarmos as metodologias do trabalho de base evangélico é possível enxergarmos aproximações diretas com as metodologias críticas e transformadoras que marcaram o trabalho de base do campo popular daquela época, como, por exemplo, realizar um trabalho cotidiano e construir uma disputa de narrativas a partir de leituras da Bíblia, criando um senso comum crente, que reverberou em ações cotidianas da classe trabalhadora.

As Igrejas evangélicas fazem... trabalho de base?

Sim! E muito eficiente! As igrejas evangélicas **adentraram nas comunidades, realizaram trabalhos concretos, dando respostas muitas vezes imediatas para a população mais empobrecida.** Não apenas distribuindo terminologias crentes abstratas, mas **SENDO ÚTEIS**, criando legitimidade a partir de uma aproximação constante e concreta, dialogando com as demandas mais profundas de nosso povo. Podemos falar da lógica salvadorenha – método absorvido dos vietnamitas – que tinha um caminho muito similar ao que tem acontecido nos territórios dominados pelas igrejas evangélicas atualmente: você tem que entrar nas comunidades, fazer

um trabalho ali, conquistar as mentes e os corações das pessoas para nosso projeto. Como os vietnamitas fizeram isso? Eles diziam: *você não vai ganhar nenhum coração espalhando e distribuindo terminologias marxistas, você tem que ser útil, ajudá-los a resolver as necessidades fundamentais; quando você prova para o povo que você é útil, se torna legítimo naqueles espaços, então você pode falar de outras coisas.* Essa tática atualmente orquestrada pelas igrejas nas periferias, tão semelhante às nossas experiências históricas de luta nos territórios, é fundamental no trabalho das igrejas, ou seja, se fala de Deus, da Bíblia, claro! Mas não só!

Mas o que isso tem a ver com projeto de poder?

Diversos estudiosos apontam que essas metodologias transformadas em discursos mais individualistas a partir da Teologia da Prosperidade foram fruto de um projeto de poder imperialista muito bem orquestrado contra a Teologia da Libertação, que àquela época era vista pela direita cristã estadunidense como uma ameaça aos domínios dos Estados Unidos no continente latino americano.

Segundo o filósofo Maurício Abdalla, diversas igrejas evangélicas na América Latina receberam aportes financeiros e midiáticos de governos dos EUA para sua consolidação. Lideranças estadunidenses precisavam consolidar esse novo modelo de ação cultural que destruísse qualquer ameaça à sua hegemonia; em 1980 a CIA realizou na cidade de Santa Fé, Novo México, reuniões para elaborar estratégias de ação para a manutenção do seu domínio em nosso continente. Suas conclusões estão no “Documentos de Santa Fé”, que afirmam a necessidade de educar o povo contra as visões transformadoras que estavam em curso. O documento falava direta e nominalmente contra a Teologia da Libertação.

É nesse sentido que a Teologia da Libertação deve ser entendida: ela é uma doutrina política disfarçada de crença religiosa, tendo a característica de ser contra o papa e a livre-empresa, com objetivo de enfraquecer a independência da sociedade frente ao controle do Estado. [...] Assim, vemos que a inovação da doutrina marxista se insere em um fenômeno cultural e religioso de longa duração. (Documento de Santa Fé)

Esse projeto de poder nos dá duas informações importantes: a primeira, que não podemos subestimar os nossos inimigos, não podemos acreditar apenas em um certo espontaneísmo, que embora exista, não é suficiente para explicar o fenômeno. A segunda é de que nosso povo precisa desse trabalho cotidiano, útil e concreto que já foi protagonizado pela esquerda cristã e hoje tem amplo espaço dominado ideologicamente pela direita, e que nos territórios funciona muito mais pela sua forma do que pelos conteúdos fundamentalistas que reverberam também nas periferias.

Nas igrejas, nossa classe encontrou acolhimento, sentimento de pertença e a promessa de prosperidade *ainda nessa vida*. Ou seja, diferente de outras concepções cristãs, em que a salvação se daria somente no Reino de Deus, as igrejas evangélicas, conceituadas aqui como neopentecostais, passam a ofertar a possibilidade de felicidade terrena em sintonia com os valores e a ideologia neoliberais, da corrida individual à ascensão social, consumo, entre outros... Esse corte teológico (que não é tão novo assim, dado que a Teologia da Libertação já colocava essa possibilidade a partir de um projeto coletivo) é um fator importante para a compreensão do fenômeno, dado que deu sentido para muitos trabalhadores empobrecidos e sem expectativa de uma vida digna.

Para o neopentecostalismo, o Reino aqui e agora não se dissemina somente nos discursos, mas também a partir de uma nova liturgia e uma nova organização no meio evangélico, que acabou influenciando os pentecostalismos no Brasil do começo e meio do século passado, assim como parte do protestantismo histórico e mesmo do catolicismo. Os cultos neopentecostais são abastecidos por música, ritmos e uma carga emotiva muito forte, com testemunhos e momentos catárticos, inspirados inclusive nas tantas religiosidades de nosso povo.

Essa nova forma/conteúdo ensina que os crentes, por serem filhos e escolhidos por Deus, têm direito a uma vida de abundância material, saúde, bem-estar; basta declarar e receber a bênção prometida, ou seja, ser prósperos nessa vida. A prosperidade passa a ser então, além de possibilidade, consequência de um empenho frente a uma tarefa divina. Para que isso se concretize, há uma pedagogia crente que nossos movimentos têm que olhar cuidadosamente.



A conversão é algo muito importante para o crente, é o momento em que ele/ela tem uma experiência com Deus e isso tem impactos muito grandes em seu cotidiano. Ao se converter a Jesus, esse fiel acredita que ganhou uma nova vida, então, a “velha vida”, com seus vícios e hábitos é deixada para trás, não sem contradições. Uma companheira evangélica do MST um dia nos relatou:

“Mas quando eu aceitei Jesus, os irmãos me deram força, e eu fui liberta mesmo de cachaça, de cigarro, eu não quis mais fumar, e toquei a minha vida para frente”.

Essa conversão é expressa pelo batismo das águas, que cada igreja e denominação tem seus modos, mas é a confissão pública da fé que esse crente expressa. São os ritos de iniciação da fé – que serão aprimorados com os estudos bíblicos, orações, cultos, células, retiros e assim por diante.

A pesquisa “Evangélicos, Política e Trabalho de Base”, do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, elenca alguns fatores como pontos chaves para a análise desse crescimento, tendo como ponto de partida o fator psicossocial:

- **pertencimento e acolhimento:** em pleno neoliberalismo, um momento histórico de hegemonia de valores individualistas e privatizantes, de destruição do tecido social, no qual os indivíduos se sentem sozinhos e fragilizados diante de um sistema que parece indestrutível, sobretudo nas grandes cidades, talvez nada seja mais urgente e desejado do que fazer parte de uma *comunidade*. Nas igrejas é possível encontrar um espaço de acolhida desde o primeiro dia. Em momentos de crise há espaço de escuta, há projetos que proporcionam interação social e que constituem uma grande rede de apoio.

– *Você sai com suas amigas?*

– *Sim, vou à igreja para poder encontrá-las.*

- **lazer:** Nos cultos, a comunidade é instituída e renovada a cada semana. Ao contrário da igreja católica e das protestantes históricas, com cultos bem formais e muitas vezes frios (correspondente a formas culturais da Europa Ocidental), os pentecostais e neopentecostais foram hábeis em incorporar os elementos catárticos da religiosidade popular brasileira (algo presente no catolicismo popular, mas nunca absorvido pelo catolicismo oficial). Seus cultos são festas populares, repletas de músicas, danças e pregações de alta carga emotiva. É o espaço de lazer e de fruição estética, em bairros onde, muitas vezes, não há teatro, não há cinema, e há pouquíssima oferta cultural;

- Você não conta para ninguém? Eu adoro ir para a igreja, não consigo deixar de ir, lá eu posso passar duas horas cantando, eu amo cantar!

- **psicoterapia popular:** nessas igrejas, a classe trabalhadora precarizada e empobrecida tem alguma chance de elaborar o trauma da humilhação que vem dos patrões, da mídia e do Estado e, quem sabe, recuperar algo da dignidade que lhe é roubada numa sociedade marcada por quase quatro séculos de escravidão, agravados pela precarização da vida em tempos neoliberais. Muitos trabalhadores, depois de um dia intenso de trabalho precário e muitas vezes humilhante, transportes abarrotados, são pastores, profetizas, cantoras, músicos em suas igreja, têm tarefas importantes, constituem uma nova identidade na igreja, passam “a ter valor”;

- Às vezes a gente chega lá abatido, a gente é sentimental, sente muito, eu sou muito sensível, qualquer coisinha eu mudo. Aí você chega lá abatido, lá você ouve a palavra, ouve o louvor, e acredito que você não sai de lá da mesma forma que chegou.

- **aporte econômico:** nas igrejas “de garagem”, pastores e pastoras, ou algum(a) assistente, costumam estar sempre disponíveis aos que mais necessitam. Se falta dinheiro ou comida em casa, há sempre uma cesta básica doada pela comunidade, há uma espécie de solidariedade popular entre os crentes. Não é incomum conseguir emprego

ou algum tipo de trabalho graças à indicação de uma irmã da igreja, algo tão decisivo no momento em que há milhões de desempregados no país.

- A minha pastora ajudou também no casamento da minha filha com alimentos, ela fez a macarronada, porque a gente fez um almoço (...) essa minha pastora me acolheu muito, me ajudou bastante nesse casamento, foi onde eu encontrei o amor que eu não tinha, entendeu? Ali eles me acolheram, eles me deram o amor.

- **organização da vida cotidiana:** para muitos fiéis, estar em uma igreja evangélica não é algo passivo, em sua maioria são atuantes e têm tarefas no interior da igreja. Ela passa a ter espaço na vida cotidiana, organizando a vida do trabalhador: ida aos cultos, estudos bíblicos, pregações, etc. Muitas pessoas que estão desempregadas passam a ver sentido na própria vida a partir dessa reorganização. Até mesmo o incentivo a alfabetização é encontrado nas igrejas e muitos dos fiéis aprendem a ler pelo desejo de poder ler a Bíblia.

- Minha mãe não sabia ler. E precisa ver que bonitinho ela lendo agora.. Mas agora ela pega uma coisa e ela lê tão lindo! Eu filmo ela quando ela vai ler a Bíblia lá na frente da igreja.

- **espiritualidade:** quando pensamos nesse avanço das igrejas na periferia, consideramos que apenas pela precariedade social é que as pessoas buscam esses espaços, entretanto, é importante pensar que a espiritualidade oferece respostas de cunho existenciais e que a fé faz parte do cotidiano dessas pessoas. Não importa se acreditamos ou não em Deus, a espiritualidade faz parte de nossa cultura e está presente na vida da grande maioria dos trabalhadores e trabalhadoras.

- Por que você vai à Igreja?

- Para encontrar Deus.



CONVERSE COM SEU GRUPO / COLETIVO / NÚCLEO DE BASE:

1. Vamos falar sobre o trabalho de base evangélico? Quais demandas estão sendo respondidas pelas igrejas que não conseguimos resolver? Como nossos coletivos têm atuado em relação aos pontos que abordamos? Nossos espaços são acolhedores? Como são nossas reuniões? Temos espaços para a escuta dos nossos companheiros na base? Proporcionamos espaços de festa e lazer ou só falamos das mazelas do capitalismo? O que a metodologia da igreja pode nos ensinar para também sermos um espaço agradável no cotidiano de nossa classe?
2. Como vocês se deram conta da importância do diálogo com os evangélicos? Para além das eleições presidenciais, ali, no trabalho de base, foi possível perceber que a identidade religiosa da base era uma questão a ser debatida / refletida? Se sim, por quê? Se não, como, quando e por que deram conta dessa importância? Que caminho traçaram desde então?

...



3. O que a esquerda pensa dos evangélicos? Humildade de dizer que não sabemos o que fazer

“A religião é o ópio do povo!” Quantos de nós não reproduzimos essa frase muitas vezes sem aprofundarmos o que Marx estava querendo dizer com ela? Para o teórico marxista Michael Löwy essa frase é menos unilateral do que parece. Ele lembra que, no parágrafo onde aparece a frase, Marx aponta a religião tanto como a expressão de uma angústia frente às mazelas sofridas pela classe trabalhadora mais empobrecida, como o protesto contra essa angústia. Ora, nesse sentido podemos trabalhar a religião como algo alienante, o que de fato muitas vezes é, mas também compreendê-la como uma possibilidade de ser um instrumento que questiona as angústias, inicialmente individuais, mas que pode abrir caminhos para um protesto que vai além do indivíduo, construindo inclusive ações transformadoras. Será que ao enxergar as dores do irmão como semelhantes às suas o indivíduo não é capaz de buscar um denominador comum que as criou?

“A angústia religiosa é ao mesmo tempo a expressão da verdadeira angústia e a protestação contra essa angústia verdadeira. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como ela é o espírito de uma situação sem espiritualidade. Ela é o ópio do povo”
– Karl Marx



INCLUSÃO EM CUBA



“

NOSSA LUTA É PELA
INCLUSÃO
– JUNTAR GENTE –

“
A ESQUERDA
ESTAVA OPERANDO
PELA EXCLUSÃO.”

—
LUCIANO MST-SP

Ainda sobre a frase de Marx, é importante lembrar que a experiência da Teologia da Libertação, algo que mudou o cenário latino-americano, não foi vivenciada por Marx. Ou seja, experiências concretas em que a religião foi elemento propulsor de transformações para a classe trabalhadora não estiveram no horizonte de nosso grande pensador. Importante dizer que foi a partir da luta de classes, proposta por Marx e pela tradição marxista, que nasceu o olhar da Teologia da Libertação em sua opção preferencial pelos pobres.

Sabemos que houve uma grande predominância da linguagem católica nos movimentos populares que surgiram através da experiência da Teologia da Libertação no Brasil. Entretanto, hoje, ela já não mais se comunica com os evangélicos e, infelizmente, não estamos conseguindo, coletivamente, perceber e absorver isso. A companheira Marina, do MST-MS, constata dois movimentos importantes para nos ajudar nessa compreensão: o afastamento dos evangélicos das atividades de formação, mas também a não preocupação da esquerda por esse movimento de afastamento. E assim, criou-se uma divisão, um distanciamento da base. Para Marina:

“Nós somos militantes da inclusão, precisamos entender a linguagem do outro para não perdermos militantes. Saber falar para incluir”

No processo de aprender a falar para incluir, é preciso abandonarmos nossos rótulos pré-estabelecidos: fundamentalista, alienado, infantilizado etc. Enquanto esquerda, devemos caminhar **reconhecendo nosso preconceito** e agindo para mudarmos a nossa mentalidade quanto a isso. O militante Luciano aponta: “Preconceito é um negócio avassalador contra os evangélicos – isso fez com que eu não enxergasse a realidade por muito tempo”.

Queremos dizer aqui: calma! Usando uma expressão religiosa: *nem tanto ao céu, nem tanto ao inferno!* Não queremos fazer *vistas grossas* ao caldo de opressão que a religião, principalmente as ligadas à tradição cristã, foi protagonista em nossa história. No entanto, os próprios marxistas têm colocado como tarefa aprofundar a questão da religião, considerando sua enorme importância para a classe trabalhadora, principalmente na América

Latina. Não é nossa intenção aqui abarcar teoricamente a religião para os marxistas, mas é importante que o campo popular se aproprie dessas discussões para não reproduzirmos ideias que não correspondem à realidade e avançarmos na luta com nossos companheiros que carregam a fé como uma identidade importante.

Você sabia que o líder cubano Fidel Castro construiu uma aliança estratégica com lideranças evangélicas em seu país?

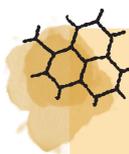
Cuba tem muito a nos ensinar sobre as possibilidades de avanço no diálogo entre a construção da Revolução e articulação entre fé e luta. Após um momento inicial, muitos religiosos que permaneceram na ilha não se sentiam parte do processo revolucionário, dada a resistência do Estado às Igrejas, fruto de uma leitura ainda limitada do tema pelo marxismo europeu e também pela origem estadunidense das igrejas evangélicas no país. Essa resistência ainda era muito presente na década de 1970, mas foi lentamente abrindo espaços para uma nova perspectiva de atuação conjunta entre Igreja e Estado.

Segundo a teóloga cubana Gisela Pérez, a Revolução se deu conta que nem todos os líderes religiosos eram contrarrevolucionários, pelo contrário. Em um processo de aproximação com o tema, Fidel reconheceu que, de fato, os evangélicos haviam sido discriminados e se comprometeu a corrigir esse erro. Ele e os membros das Igrejas sabiam que esse processo não seria fácil, dada a formação antirreligiosa de boa parte dos membros do Estado, mas, com o avanço do diálogo, as tensões iniciais da Revolução abriram espaços para um aliança estratégica entre Estado e Igreja, principalmente com as evangélicas. Em entrevista para Frei Betto, realizada em 1985, Fidel afirma que, ao observar, percebia que os evangélicos tinham um compromisso forte com a população mais humilde, além de terem uma disciplina militante em suas igrejas.

A pesquisadora cubana Caridad Massón afirma que o aspecto inicial antirreligioso da Revolução passa a mudar a partir da década



de 80, fruto de ações pró revolucionárias de religiosos cubanos e também pela Teologia da Libertação que avançava em toda a América Latina. Não era mais possível ignorar a força social do segmento religioso em nosso continente e, conseqüentemente, em Cuba.



CONVERSE COM SEU GRUPO / COLETIVO / NÚCLEO DE BASE:

Em um esforço honesto e profundo, vale pensarmos como enxergamos os evangélicos – quais as experiências concretas e quais as visões que cada indivíduo teve ou tem sobre esse grupo tão diverso?

...



4. O que os evangélicos pensam de nós?

Nossa ideia nesta cartilha não é apontarmos nossos erros em tom acusatório, mas pensarmos juntos: quais foram nossos erros, contradições e limites nesse diálogo. E o mais importante: como desconstruir visões preconceituosas de ambos os lados, da esquerda e dos evangélicos, para, finalmente, militarmos lado a lado com nossos companheiros trabalhadores evangélicos.

Opa! Visões preconceituosas de ambos os lados?

Sim, companheiros, parece que nem a esquerda, nem os evangélicos se livraram de uma visão estereotipada “do outro”. Enquanto muitas vezes a esquerda colocou os evangélicos como alienados, ignorantes e conservadores; os evangélicos colocaram a esquerda como arrogantes, doutrinadores, como um grupo que quer acabar com a religião, algo tão importante para suas vidas. Assim como reproduzimos “a religião é o ópio do povo”, evangélicos reproduzem “a esquerda é inimiga da religião”. Em conversa informal sobre o tema, escutamos de um ex-integrante da Igreja Presbiteriana do Brasil:

“Duas lembranças são marcantes para mim em relação à ideia de perseguição dos evangélicos pela esquerda: a primeira em 1989,



Evangélicos – Idade:



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo país em 5 e 6 de dezembro (2019); margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

no segundo turno entre Collor e Lula. Vou com minha mãe e meu pai para votar e vendo a loucura pergunto em quem iriam votar. Falaram sem pensar, ‘vamos votar no Collor, ele não é o melhor, mas se o Lula ganhar ele vai fechar as igrejas’. Depois, meu pai tinha uma biblioteca de livros evangélicos e eu pedi um livro para ler. Ele me deu o ‘Cristo em cadeias comunistas’, que eram os relatos dos missionários evangélicos na URSS. Era o grande exemplo do meu pai e reforçou o quanto a esquerda era o mal do mundo”.

Mas olha só, temos nossos limites e precisamos reconhecê-los. Vale aqui trazer a fala de nosso companheiro Osvaldo, pastor evangélico presbiteriano e militante de esquerda:

“Há uma narrativa (da esquerda) que já coloca o evangélico como ignorante, e aí é complicado porque o cara se sente ofendido: *tá vendo, esse pessoal da esquerda, esses comunistas, falam que eu sou ignorante, mas Jesus disse que a gente ia ser perseguido mesmo*. Então há toda uma construção narrativa que também tem sua razão de ser porque o evangélico é colocado na vala da ignorância por uma esquerda mais intelectualizada. Tá vendo como a coisa é um pouco mais delicada do que parece? Porque envolve a autoestima do cara ser chamado de ignorante, sem noção. Há toda uma construção que a esquerda tem que fazer nela mesma para ter um outro olhar em relação ao evangélico”.

É importante também percebermos o quanto a direita soube utilizar dessas narrativas ganhando apoiadores com o discurso da “cristofobia”. Cristofobia é um termo inventado para disseminar a lógica da “guerra espiritual”, em que valores cristãos estão sendo perseguidos ou destruídos. Apesar do racismo religioso contra as religiões de matriz africana em nosso país, o discurso da direita cristã é de perseguição – e, para eles, quem persegue somos nós, a esquerda.

Nos últimos anos, a palavra cristofobia tem estado presente nas discussões políticas, nas diversas mídias sociais e também nos espaços

religiosos. A construção do “conceito” da cristofobia passa pela ideia muito concreta de que algo ameaça e persegue a fé cristã e seus seguidores. Em alguns países isso pode ser aplicável, porém, não no Brasil. A razão disso é que mais de 80% da população brasileira se declara cristã, segundo uma pesquisa do Datafolha de janeiro de 2020. Os discursos que vão sendo elaborados se misturam com as práticas de um governo neoliberal de caráter fundamentalista, que se utiliza da religião e da fé das pessoas para propagar medo e terror.

Os canais nos quais essas formulações são transmitidas para o campo evangélico são amplos e vão além das pregações do domingo nas igrejinhas, mas, antes, então diariamente nas mensagens de WhatsApp, nos grupos que distribuem *fake news*, nas rádios e programas de televisão, que vão reforçando que a esquerda irá destruir a família e o cristianismo.

A fundação Tide Setubal (Conservadorismo e as Questões Sociais / 2019) trouxe uma importante reflexão a partir da pesquisa sobre o que eles chamaram de “conservadores médios” (trabalhadores e trabalhadoras de posições não radicais e de renda per capita de meio a um e meio salário mínimo). Entre eles, há muitos evangélicos que podem ser considerados “em disputa”, ou seja, trabalhadores mais atingidos pelas políticas neoliberais da direita, no entanto, de perfil conservador. Diversos elementos da pesquisa devem ser levados em consideração em nossa aproximação com o campo evangélico. Dentre eles, o que já foi mencionado: a percepção de que a esquerda é arrogante, doutrinadora e inimiga da religião. Na pesquisa, os conservadores associam a direita, dentre tantas características, como um grupo político que valoriza a família, que é capaz de colocar ordem na vida cotidiana – dado que respeita as hierarquias e, vejam só, é mais aberto às opiniões divergentes! Enquanto a esquerda quer sempre estar certa, transforma tudo em “palanque político”, distorce valores familiares e é culpada pela desordem que estamos vivendo. Muitas das justificativas em relação a essa visão tem a ver com as pautas identitárias e as questões morais – principalmente às questões referentes ao gênero e à sexualidade (abordaremos mais adiante). A escolha de se pautar pela diferença – negros, mulheres, LGBTQIA+ em nossos discursos encontram uma barreira no discurso da “igualdade” dessa base conservadora: “somos todos iguais”, “só existe uma raça: a raça humana”, etc.



CONVERSE COM SEU GRUPO / COLETIVO / NÚCLEO DE BASE:

Uma companheira certo dia nos contou que ao trabalhar a questão de gênero com uma cooperativa de trabalhadores e trabalhadoras ambulantes da zona leste da cidade de São Paulo, uma delas disse: “minha filha, essa coisa de gênero não é de Deus”. A companheira relata: “primeiro veio imediatamente um preconceito (“lá vem a igreja emperrando nosso trabalho”), aquela vontade de dar uma resposta direta e final. Depois pensei que talvez a palavra ‘gênero’ estivesse já muito carregada, em uma disputa que ainda estávamos em desvantagem e passamos a pensar em outras formas de trabalhar o tema, sem necessariamente falar a palavra”.

1. Vocês já tiveram dificuldades para trabalhar temas “espinhosos” com a base da classe trabalhadora por conta das visões de mundo conservadoras das igrejas?
2. E seu coletivo, já se deparou com resistências a temas considerados como pautas da esquerda, tais como direitos humanos, raça, classe e gênero? Como enfrentaram? O que avançou? O que estacionou ou regrediu? Vale pensar aqui também no “miúdo”, no detalhe, aquelas conversas entre o espaço da reunião e o ponto de ônibus. O que ouvimos? O que falamos?



5. Fundamentalismo: como lemos a Bíblia e a vida?

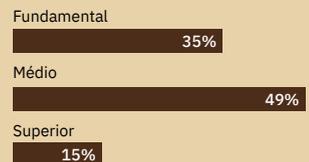
A gente tem ouvido falar bastante sobre fundamentalismo, mas o que é isso? O termo “fundamentalismo” surgiu no contexto religioso e se remete ao movimento ultraconservador protestante norte-americano da virada do século 20, que reivindicava que a Bíblia nunca erra e apenas a interpretação literal era válida, em uma tentativa de reagir à modernidade e aos estudos críticos das Escrituras.

Hoje, o fundamentalismo se torna a base de pensamentos e posturas em defesa de uma “verdade” e que impõe na sociedade esses pressupostos. Quando pensamos dentro do cristianismo evangélico, mas não só, o fundamentalismo se articula e faz uma leitura de uma Bíblia fetichizada, não crítica e não contextualizada – utilizando os versículos sem nenhum comprometimento contextual para justificar qualquer pauta conservadora, em especial, hoje, as pautas morais que atingem principalmente o corpo das mulheres e da população LGBTQIA+.

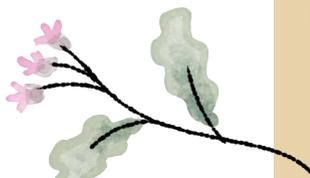
O fundamentalismo é um fenômeno social que abrange inúmeras frentes, como, por exemplo, a política, cultura, economia, natureza e, também, a religião. É uma chave importante para a compreensão do avanço evangélico no Brasil e tem consequências nefastas para o aprofundamento do diálogo nos territórios, que culminou na eleição do candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro ao



Evangélicos – Escolaridade:



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo país em 5 e 6 de dezembro (2019); margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.



principal cargo do Estado brasileiro em 2018. Orienta-se na busca por uma única visão do conhecimento, a partir do vislumbre da unidade da fé, credo, doutrina, ritos, ou seja, busca eliminar a diversidade de opiniões de seu centro, e interrompe, assim, processos criativos da fé.

Por essa razão o fundamentalismo se constitui como o encerramento das interpretações e, muitas vezes, isso ocorre de forma violenta, por discursos ou outras formas de perseguição. O fundamentalismo não considera a existência da pluralidade, da diversidade de pensamentos, corpos, amores, leituras da fé e de seus escritos sagrados. Aniquilando o diálogo e colocando fim nos processos de interpretação, o fundamentalismo religioso apresenta todas as pautas contrárias como inimigas a serem destruídas, dado que representam uma ameaça à vida plena e próspera que o crente almeja a partir de sua conversão. Essa “guerra espiritual” do bem contra o mal e a Teologia da Prosperidade dialogam com uma outra forma teológica que já falamos aqui, a Teologia do Domínio.

O fundamentalismo também se traduz na intolerância religiosa, ou melhor dizendo, no **racismo religioso**, sofrido principalmente por pessoas das religiões de matriz africana. Discursos de ódio são profanados nos cultos de todo país. Frequentemente estão na mídia, nas redes sociais, nas notícias de jornais. Nas periferias, a intolerância ganha novos contornos a partir de uma inesperada junção: o tráfico e a igreja. A igreja mudou a vida de muitos traficantes que, ao se converterem, ainda que não rompam com o tráfico, passam a traçar um plano de vida e de economia financeira a médio e longo prazo para que possam em algum momento largar a vida do crime. No entanto, a curto prazo, como é típico das leituras fundamentalistas, se colocam na tarefa de derrotar o inimigo – perseguindo assim outras religiões. As violências são simbólicas e físicas, desde pichações por cima de figuras do candomblé antes tão presentes nas paredes das favelas, a propagação do sentimento de medo contra as pessoas com trajés vinculados às suas religiões, passando ainda por casas de rezas indígenas sendo queimadas, assim como terreiros de umbanda e candomblé sendo destruídos ou proibidos de terem suas

práticas, até ameaças de morte e apedrejamento de frequentadores e líderes religiosos.

A pesquisadora Christina Vital vem estudando há anos a temática dos traficantes evangélicos, e destaca como um exemplo de mais evidência o chamado Complexo de Israel, no Rio de Janeiro, liderado pelo Peixão, filho de umbandista, que “hoje prega a intolerância religiosa nas cinco favelas na Zona Norte sob seu domínio”.

Para a pesquisadora, a intolerância religiosa praticada pelos traficantes tem a ver com sua ligação com as igrejas evangélicas, mas vai além disso, se vincula “aos seus próprios grupos na medida em que ícones, códigos religiosos são utilizados para expressar seu domínio e sua força. A **referência a Israel**, ao **Deus de Davi**, do **Antigo Testamento** tem uma função importante para o próprio grupo criminoso, fazendo relação com suas tentativas de proteção espiritual e contenção da “paranoia” e “neurose” que a vida no crime lhes oferece”.

Você conhece alguma figura pública fundamentalista? Quando ligamos a TV ou o rádio, quase sempre nos deparamos com algum deles. Líderes que se aproveitam da fé dos fiéis para disseminar *fake news*, discursos preconceituosos, e visões bíblicas que oprimem e não libertam. Eles estão na política e em cargos de influência, como alguns protestantes históricos que se achegam sorrateiramente na política institucional.

Mas isso quer dizer que todos os evangélicos, pentecostais ou históricos, são conversadores e fundamentalistas? Evidente que não! Não devemos cair em absolutismos. Basta lembrar que, antes de Lula ser injustamente condenado e impedido de se candidatar em 2018, ele caminhava para a vitória eleitoral com o massivo apoio dos pentecostais. Os mesmos que ajudaram a elegê-lo duas vezes em 2002 e 2006 (respectivamente 60% e 53% dos votos no segundo turno), e que votaram para eleger Dilma em 2010 e 2014 (42% e 45%). Portanto, os evangélicos não são, em “essência”, de direita. Parece que, como grande parte da classe trabalhadora esperançosa por uma vida nova, são mais volúveis no comportamento eleitoral.

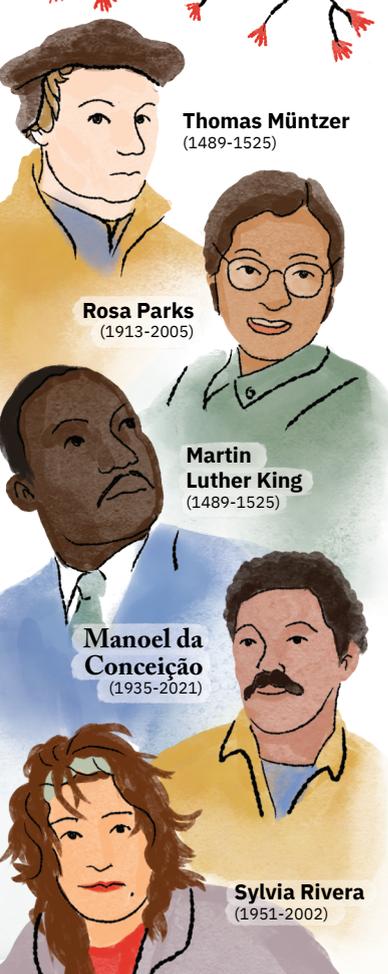
Magali Cunha apresentou em sua pesquisa sobre “Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação” (2020), algumas sugestões para o enfrentamento do fundamentalismo e enumerou 10 pontos para nos atentarmos e organizarmos contra as estratégias, muito bem orquestradas, do fundamentalismo religioso na América Latina:

1. Autocrítica necessária – compreender que grupos que hoje lutam contra o fundamentalismo religioso subestimaram sua força e sua capacidade de articulação e capilaridade nos diversos espaços religiosos;
2. Compreender mais adequadamente o papel da religião e sua relação com a sociedade: não é possível ignorar seu papel no nosso continente e seus distintos papéis. É necessário encontrar, a partir desse olhar, as possibilidades de diálogos entre os tantos grupos que atuam contra os fundamentalismos presentes nas igrejas e na sociedade – o que nos une?
3. Retomar a formação para o pensamento crítico – construir a partir da educação popular as possíveis narrativas contra os fundamentalismos. Criar círculos de leitura popular da Bíblia contextualizada e ecumênica;
4. Desnudar o campo conservador e os fundamentalismos. Ocupar os espaços de educação de forma criativa, conhecer o discurso do outro para evidenciar as fissuras e construir novas narrativas libertadoras;
5. Compreender e atuar mais profundamente diante da complexidade das demandas sociais – quais respostas os fundamentalistas estão dando? Quais subjetividades são movimentadas? Ouvir profundamente o que a população necessita – objetiva e subjetivamente – é fundamental;

- 
6. Considerar as emoções e as novas linguagens na organização da vida social – o discurso progressista muitas vezes não atende à demanda subjetiva da população, é necessário criarmos discursos que contemplem o acolhimento e o diálogo com o povo. É fundamental ouvir profundamente o que a população necessita para travarmos essa disputa!
 7. Rever o discurso do Estado Laico como oposição aos fundamentalistas – os fundamentalistas não se colocam contra o Estado Laico em seus discursos, o importante é que tenhamos argumentos científicos e secularizados contra a negação de direitos;
 8. Atenção à juventude – os jovens são menos passíveis de serem absorvidos pelos discursos mais conservadores do fundamentalismo, no entanto, são alvos prioritários;
 9. Aprender com comunidades indígenas e afrodescendentes – visibilizar e valorizar a cultura indígena e quilombola e definir ações prioritárias de resistência nos territórios contra os fundamentalismos;
 10. Reformular processos comunicacionais – ocupar as mídias digitais e desenvolver linguagens possíveis, populares e criativas, visibilizando as tantas possíveis formas de viver a fé cristã.

...

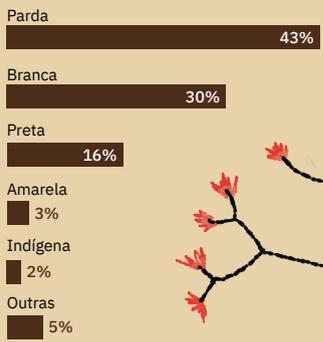




6. Nem todo evangélico é fundamentalista: progressistas em ação!

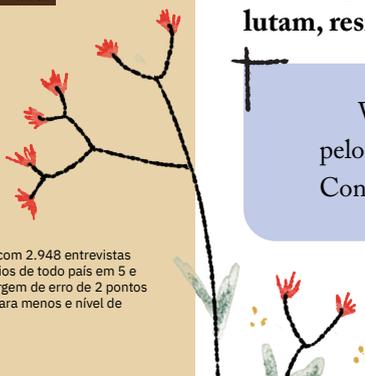
Nós, o campo popular, precisamos nos unir com companheiros e companheiras evangélicos que estão na luta há anos fazendo trabalho de base, disputando teologias, se contrapondo ao fundamentalismo. Magali Cunha aponta que por mais que o protestantismo tenha muito individualismo, “há movimentos, dentro do campo evangélico, que trazem uma teologia diferente, como a do Evangelho Social, uma tendência que nasce no século XX”. Aprender com eles é essencial para que no nosso dia a dia, como classe trabalhadora, com os ouvidos atentos, aprendendo, estando abertos e nos despindo de nossos preconceitos, consigamos conversar com os evangélicos e evangélicas nos territórios, que estão influenciados pelos fundamentalismos. Infelizmente, muitos reproduzem discursos que afetam os seus próprios direitos; outros negociam consigo mesmos suas crenças, mesmo estando em igrejas fundamentalistas, e possuem fissuras de pensamento. **A comunicação será feita não necessariamente pelo viés religioso, mas antes, por esse cotidiano de violências que muitas famílias periféricas sofrem e lutam, resistindo e reinventando.**

Evangélicos – Cor:



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo país em 5 e 6 de dezembro (2019); margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

Você sabia que diversos ativistas pelos direitos humanos são evangélicos? Conheça alguns:





Thomas Müntzer (1489-1525), um dos primeiros teólogos alemães da era da Reforma Protestante, tornou-se um líder rebelde durante a Guerra dos Camponeses. Teve diversos embates com Lutero, aliado da nobreza e príncipes, e defendia a abolição da servidão feudal, o fim dos tributos religiosos, o fim da propriedade privada e das instituições estatais, e a diminuição dos impostos. O que resumia seu trabalho com os camponeses era o lema “Omnia sunt communia” (“Tudo é de todos”). Para saber mais sobre ele, leia a obra de Friedrich Engels “A Guerra dos Camponeses Alemães”, em que é articulada a relação entre religião e o pensamento marxista.

Rosa Parks (1913-2005), a metodista e costureira que no dia 1º de dezembro de 1955, pelo cansaço de uma vida injusta, desobedeceu a segregação e se negou a ceder a um branco o seu assento em um ônibus. Assim deu início a uma campanha de boicote aos ônibus de Montgomery, que durou exatos 382 dias e que foi se alastrando para outras cidades do sul dos Estados Unidos.

Martin Luther King (1929-1968), pastor batista norte-americano, um dos mais importantes líderes na luta contra a discriminação racial e pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964.

Manoel da Conceição (1935-2021), um dos fundadores do PT e articulador da luta pela terra, encontrou na fé pentecostal um ímpeto ainda maior para a luta popular e para a solidariedade. A trajetória de perseguições e torturas por ele sofridas e toda resistência e força que o auxiliar de pastor da Assembleia de Deus construiu segue como inspiração para os dias de hoje.

Sylvia Rivera (1951-2002), evangélica, mulher trans e ativista da libertação gay e dos direitos dos transgêneros da América Latina. Uma das fundadoras da Igreja Comunidade Metropolitana, em Los Angeles, e que hoje está presente em diversos países, incluindo o Brasil.





Importante lembrar os/as evangélicos e evangélicas que lutaram e se organizaram contra a ditadura militar, como **Anivaldo Padilha** (1940-), metodista que participou da resistência contra a ditadura e foi denunciado pelo próprio pastor, sendo sequestrado e torturado; **Zwinglio Mota Dias** (1941-2021), presbiteriano, também membro do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), preso e torturado psicologicamente, teve o irmão Ivan Mota sequestrado, se tornando um desaparecido político; **Eliana Rolemberg** (1945), luterana e ativista de movimentos de juventudes ecumênicas, foi presa e torturada pela ditadura militar; entre tantos outros nomes, de homens e mulheres de fé que se apegaram a um cristianismo de libertação e que se envolveram em movimentos populares de resistência contra a morte e opressão!

Embora algumas pautas sejam mais sensíveis aos evangélicos, não quer dizer que devemos negligenciá-las. Entretanto, devemos aprender a falar, a criar estratégias de comunicação que consigam chegar nesse irmão, nessa irmã, que talvez nunca tenha tido a oportunidade de ouvir outras visões acerca de temas como legalização e descriminalização do aborto, direitos LGBTQIA+, relações raciais e racismo estrutural... Muitos desses discursos não chegam e, quando chegam, são manipulados na lógica do inimigo: “deve ser combatido, pois tais pensamentos querem destruir minha família, a igreja etc.”

Dessa forma, compreendemos que a neutralização das leituras fundamentalistas, das Igrejas conservadoras e da fé, que ganha contornos políticos, não basta! Neutralizar já não é uma alternativa para nós, pois esses discursos se tornam uma verdade absoluta, dogmática, que vai muito além da religião, dado que ela constrói modelos de vida políticos, econômicos e sociais. A disputa hermenêutica é necessária. Entendemos por disputa hermenêutica o alargamento das formas interpretativas da Bíblia a partir das teologias contextuais do Sul Global desenvolvidas nos últimos anos, como as teologias da libertação, teologias feministas, negras, queer, asiáticas etc.

A Teologia da Libertação e a Leitura Popular da Bíblia da década de 1970 nos auxiliam a compreender a história de Nuestra América, mas devem avançar para dar conta da complexidade e nuances da sociedade do século XXI. Como Mariátegui nos avisa, temos que aprender, mas nunca como um programa para, na linguagem de hoje, “copiar e colar”. Antes, dar a continuidade criativa na relação dos movimentos populares e os companheiros e companheiras de fé, que também se encontram na mesma trincheira da luta de classes, buscando novas formas de se relacionarem com o Sagrado a partir da transformação social no aqui e agora.

Nos parece que para além de neutralizar, precisamos criar um diálogo efetivo com os crentes que são em sua maioria mulheres e negras, como sabemos. Esse diálogo pressupõe tanto absorvermos metodologias do trabalho de base, criando novos espaços onde os corpos e as vozes dos crentes e de toda a classe trabalhadora dos campos e cidades de nosso país sejam ouvidas de fato, a partir de suas necessidades. Pressupõe também nos colocarmos em disputa, em um papel ativo frente ao avanço dos tantos fundamentalismos que seguem fortemente presentes em nossos territórios. No entanto, essa disputa não quer “modificar” aquilo que é a essência desse crente – sua fé e a forma de viver sua fé – mas de superar aquilo que oprime esse corpo. E para isso, é fundamental nos aproximarmos de companheiros/as progressistas para quem a fé é uma de suas principais identidades.

Para conhecer alguns desses movimentos evangélicos progressistas: Frente Evangélica Pelo Estado Democrático de Direito, Evangélicas pela Igualdade de Gênero, Feministas Cristãs, Movimento Negro Evangélico, Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto, Rede Fale, Evangélicxs, Coalização de Evangélicos pelo Clima, Rede de Negras Evangélicas, Cristãos Contra o Fascismo, Coletivo Vozes Marias, Movimento Social de Mulheres Evangélicas do Brasil, Coalização de Evangélicos Contra o Bolsonaro. Além de evangélicos e evangélicas que estão e são lideranças nos movimentos populares, como MST, MTD, Levante Popular da Juventude, movimentos urbanos de moradia; pessoas que trazem as vivências e identidades, entre elas evangélica, para o trabalho de base, dialogando e



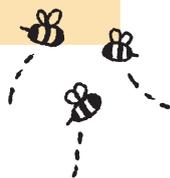
atuando com o povo diariamente, e construindo a luta e o movimento sem que por vezes os companheiros e companheiras saibam sua identidade de fé. Essas pessoas preferem não se expor, muitas vezes, por não se sentirem acolhidos em sua espiritualidade por grande parte dos militantes não religiosos que reproduzem o senso comum, conectando a fé evangélica diretamente ao fundamentalismo.



CONVERSE COM SEU GRUPO / COLETIVO / NÚCLEO DE BASE:

Vocês conhecem pastores e pastoras progressistas? E coletivos evangélicos de esquerda que atuam nos territórios? Já fizeram esse mapeamento? Vale dar uma boa pesquisada em sua cidade, no seu bairro e também nas mídias sociais, já que esses coletivos têm muito material produzido e são muitas vezes invisibilizados. São os coletivos de evangélicos e evangélicas progressistas, assim como aquele pastor solitário que busca enfrentar os fundamentalismos dentro de sua igreja, nossos grandes aliados nesse caminho de disputa de narrativas.

...



7. O diálogo com a mulher crente

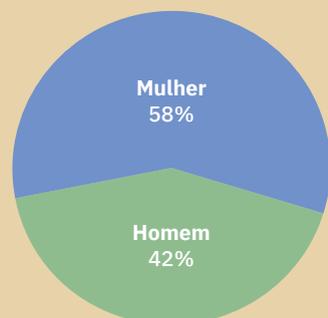
Como vimos, a direita cristã e seus fundamentalismos construíram um discurso muito bem orquestrado, colocando as pautas de gênero e sexualidade como inimigas da família cristã, tornando esses temas de difícil diálogo com a base de nossa classe imersa nas igrejas evangélicas.

Isso quer dizer que temas considerados espinhosos no diálogo entre a esquerda e o campo religioso, como o aborto e as questões referentes a sexualidade, têm que ser evitados? **Defendemos que não!** Pelo contrário, a direita cristã enxergou nossa debilidade para falar sobre esses assuntos e tem se debruçado sobre eles, construindo um discurso muito eficiente e que atingiu principalmente as camadas populares no Brasil e na América Latina – a proteção àquilo que é a única coisa que ainda podem ter: uma família.

A moral bíblica da família heterossexual e da mulher submissa ao homem são grandes pilares dos discursos que tem ecoado não só nas igrejas, mas no Congresso e no Judiciário brasileiro. Qualquer tentativa de diálogo que questione essa família ou a autonomia das mulheres se torna uma luta contra o inimigo, algo tão caro aos fundamentalistas: **aniquilar o outro, transformando as divergentes interpretações em algo demoníaco que deve ser destruído para o bem daquela família “apaziguadora”**. Esse pânico moral construído e “resolvido” pelos fundamentalistas vai muito além



Evangélicos – Sexo:



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo país em 5 e 6 de dezembro (2019); margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

da aparente preocupação com o mundo privado do povo, tem um projeto político subjacente para que as coisas se mantenham exatamente como estão.

Por tudo isso, temos sim que falar de aborto. Temos sim que falar sobre o papel das mulheres nos espaços públicos e privados. Temos sim que falar sobre o papel das mulheres dentro das igrejas. E temos sim que falar sobre sexualidade!

A questão é: **COMO** falar sobre esses temas? Não tem resposta fácil, não tem resposta pronta. Antes, precisamos entender como essas pautas têm chegado não só para os evangélicos e evangélicas, mas para o conjunto da classe trabalhadora, sobretudo as frações mais exploradas e, a partir daí, tentarmos desconstruir visões de mundo que estão tão enraizadas nos discursos, mas são tão contraditórias na prática da vida cotidiana dessas mulheres.

Então, vamos lá!

Como a Igreja trata a questão de gênero?

A primeira resposta que nos vem à cabeça é: de uma forma, digamos... contraditória, ambígua, “morde, assopra”. Como já foi dito, a igreja é espaço de acolhimento, segurança e reorganização da vida cotidiana para muitas mulheres. Enquanto os homens procuram a igreja muito mais pela ameaça de sua identidade “masculina”, como quando estão desempregados, as mulheres procuram a igreja como forma de restabelecer (ou encontrar) o que consideram a saúde familiar, dado que se sentem responsáveis por curar o sofrimento no âmbito doméstico.

É importante também pensarmos, por exemplo, no papel do pastor na vida das mulheres evangélicas que, diferente do padre, é alguém muito próximo do ponto de vista das realidades vividas, às vezes é um vizinho, um parente, alguém com uma identificação muito imediata, que dialoga diretamente, cotidianamente. A sua fala em um culto consegue trazer aquilo que

se quer ouvir: respostas concretas às dificuldades familiares, financeiras e possibilidades de transformação dessa vida cotidiana a curto prazo.

Isso quer dizer que grande parte das mulheres empobrecidas moradoras da periferia encontraram na igreja um espaço de conforto para além de sua casa, de sua família e do seu trabalho – muitas vezes um trabalho precário, onde não há efetivamente uma realização pessoal. A igreja para a mulher evangélica não é, portanto, somente um espaço pontual em sua vida, ela é parte fundamental desse novo cotidiano no espaço público e isso não é pouco!

A comunidade de fé também é, em certa medida, um espaço de escuta contra as violências de gênero e a extenuante jornada de trabalhos domésticos. As igrejas têm cumprido um papel ativo contra as sobrecargas e violências no âmbito doméstico, ao fazer um diagnóstico que a família, heterossexual e com papéis delimitados, está doente – homens violentos, mulheres extenuadas – e que é preciso curá-la. Para isso, grupos de apoio psicossociais para as mulheres são comuns nas igrejas evangélicas.

Você deve estar se perguntando: *como assim? As igrejas não são espaços de opressão das mulheres?*

Esse é um debate profundo que temos que fazer e dialoga com aquilo que falamos logo acima: esse papel “morde, assopra” da igreja é um nó difícil e profundamente necessário de desatarmos. Ao mesmo tempo que a igreja cria espaços de superação das violências e sobrecargas – dado que é importante que as mulheres estejam inteiras e tenham tempo disponível para a igreja, o acolhimento não irá questionar as relações hierárquicas entre homens e mulheres, e nem a raiz dessas desigualdades – o sistema capitalista, fundante das violências e sobrecargas. O objetivo é imediato: “salvar” a mulher, colocando-a em uma situação mais “igualitária” dentro de casa, dado que a divisão de tarefas domésticas e o fim das violências a libera para ser mais ativa dentro da igreja, a partir de preceitos quase sempre conservadores, reconhecendo, do ponto de vista estratégico, seu papel necessário na igreja e na estrutura familiar.

Em resumo, ao mesmo tempo que o pastor diz: *ore, irmã, que o bem irá vencer o mal*, não incentivando que ela faça uma denúncia, colocando em

risco a vida dessa mulher, afirmando e reafirmando em seu culto o papel de submissão como preceito divino, ele também vai lá e fala com o marido, intervém, cria grupos de apoio, acolhe...

É aí que mora o perigo. Imagine só! Nós, militantes populares, ao irmos contra as tantas opressões vividas pelas mulheres – opressões essas que são muitas vezes afirmadas e reafirmadas pelas instituições religiosas – temos o “instinto” de superar imediatamente as falas colocadas: *orar não vai adiantar nada! Você tem que denunciar seu marido! É um absurdo o que o pastor está dizendo para você!* Compreender que a vida espiritual dessa mulher, assim como tudo que circunscreve essa vida espiritual – fé, Bíblia, pastor, igreja – é muito importante para ela é um primeiro passo para o diálogo. Sem esse respeito profundo pela sua religiosidade, colocaremos um muro enorme entre nós. Muro que o fundamentalismo soube construir e não soubemos destruir de forma eficiente.

Voltamos às questões iniciais: isso quer dizer que ficaremos caladas frente às violências, frente aos discursos fundamentalistas e patriarcais do pastor? Não podemos!

A família é base e estrutura para as mulheres evangélicas. Não são raros os testemunhos de mulheres que relatam o quanto suas vidas mudaram a partir da conversão, muito vinculada à reestruturação familiar: o marido parou de beber e conseguiu um emprego, o filho saiu do mundo das drogas e voltou a estudar... A família defendida por essas mulheres tão fortemente, dado que tanto já lhes foi tirado, é a moeda de troca dos discursos fundamentalistas. O que queremos dizer? Que a defesa da família organizada pela narrativa da direita cristã se pauta no medo de sua destruição, como apontamos anteriormente. Do ponto de vista ideológico, foi construída uma versão da família a ser defendida: homens, mulheres e filhos, com papéis bem definidos e delimitados.

Essa família patriarcal contava com um inimigo comum a ser combatido: a “ideologia de gênero”, sendo essa qualquer proposta que avançasse no conceito de família, colocando principalmente as relações homoafetivas, o papel da mulher para além do cuidado da casa e dos filhos e a defesa sobre o direito da mulher decidir sobre seu próprio corpo a partir da pauta do aborto como grandes ameaças à família patriarcal.

Essa narrativa contra a “ideologia de gênero” foi a bandeira da direita cristã, surgida no catolicismo, que o campo popular tem se debruçado para desconstruir e que, ao não reconhecer a profundidade da fé das mulheres evangélicas e tudo a mais que vem com essa fé, deixamos o adversário de frente para o gol.

Muitos de nós nos afastamos do trabalho de base, nos afastamos de uma identificação cotidiana e muitas vezes, quando nos reaproximamos, mais falamos do que ouvimos, porque partimos de um pressuposto que a própria direita cristã construiu: que as mulheres evangélicas são conservadoras, que ser cristã é ser contra o aborto, que relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo são vistas pelas mulheres crentes como pecado, coisa do diabo. Contra essas visões, impomos nossas verdades sem pressupor uma relação de trocas, sem acreditar que de fato as pessoas podem fazer incríveis leituras da realidade por si mesmas, sem que o caminho escolhido seja apenas o nosso, apenas a partir de nossos referenciais.

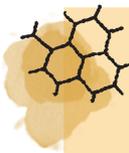
Muitas mulheres evangélicas abortam, muitas mulheres evangélicas vivem relações homoafetivas, muitas mulheres evangélicas construíram relações igualitárias com seus companheiros ou superaram relações de violência a partir de seus instrumentais de leitura de mundo, muitas mulheres evangélicas estão em movimentos populares do campo e da cidade. **As mulheres estão em negociações íntimas e constantes com suas tantas identidades.** Não somos nós a levar A Verdade. Podemos sim construir juntos uma nova possibilidade de leitura do mundo, acreditando na potência das mulheres trabalhadoras em todas as suas dimensões. E só faremos isso se respeitarmos todas as identidades das mulheres, inclusive sua fé, sua religiosidade e sua relação com seus pares.

Muitas mulheres evangélicas são mulheres trans! Vale conhecer a história dessas mulheres que encontraram na igreja espaço de opressão e violência contra seus corpos, estigmatizando-os e demonizando-os, e no entanto resistiram e se tornaram inspiração para que outras mulheres trans pudessem viver suas espiritualidades de forma livre, dentro da igreja que escolheram.



A pastora, professora da rede pública e mulher trans Alexya Salvador, da Igreja da Comunidade Metropolitana diz, em entrevista para Maryuri Grisales e Renato Barreto:

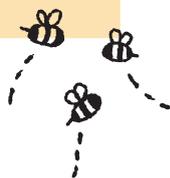
“O meu ministério me chama a lutar contra todo tipo de opressão, e, principalmente, a da colonização dos corpos. O fundamentalismo religioso ensina que se nossos desejos e práticas sexuais não estiverem de acordo com o parâmetro bíblico, estamos em pecado. Eu entendo que o sexo é dom de Deus e deve ser exercido com responsabilidade. O pecado não é o ato sexual, mas o não se prevenir contra doenças sexualmente transmissíveis. Nesse sentido, eu entendo que devemos sim cuidar do nosso corpo que é o templo de Deus. não podemos lutar contra a nossa natureza, reprimindo quem somos em nome de uma prática religiosa que vê o sexo como algo a ser combatido. O controle e a colonização dos corpos ainda é a maior chave de manipulação que a igreja exerce sobre as pessoas, uma vez que as nossas orientações sexuais e identidades de gênero também perpassam por essa realidade. Ser LGBTI+ e viver de acordo com a fluidez que exala nossa percepção humana é o que me move a lutar pelo direito de ser de cada ser humano”.



CONVERSE COM SEU GRUPO / COLETIVO / NÚCLEO DE BASE:

Vocês identificam mais homens ou mulheres no trabalho de base realizado nos territórios? Sabem qual a identidade religiosa desses companheiros e companheiras? Vale debater se essa identidade apareceu “logo de cara” e, no caso das companheiras, se foi notável a diferença de postura entre as mulheres crentes dos territórios e as mulheres não crentes. Se houve essa percepção, como seu coletivo atuou? Mudou alguma coisa na linguagem, na postura? O fato de dar conta que estavam falando com mulheres evangélicas foi relevante para o trabalho ou passou despercebido?

...



8. Batalha de ideias: Como falar e o que falar?

“Precisamos dialogar com os evangélicos!”. Essa frase se tornou uma máxima para nós, mas o que de fato isso quer dizer? É bem provável que você conheça algum evangélico, pode ser alguém da sua família, aquela vizinha que ouve louvores todos os dias, o dono do mercadinho do bairro, o porteiro do prédio onde você mora... De alguma forma, temos contato com evangélicos. E nem sempre é fácil, sabemos. Algumas relações são dificultosas por fatores do proselitismo (empenho em converter pessoas) religioso, ou da moralidade evangélica imposta a não-crentes. Não é simples!

Queremos pensar com vocês alguns fatores que fazem esse diálogo ser, por muitas vezes, dificultoso e pode nos fazer desistir desse campo e generalizar experiências que temos na nossa trajetória como as únicas verdades dessa relação. Há alguns elementos da cultura gospel que é necessário que compreendamos.

A experiência religiosa de conversão ao cristianismo evangélico é algo transformador para muitas pessoas. Há diversos “testemunhos” de crentes que abandonaram as drogas, que conseguiram empregos, que deixaram o tráfico e o crime, que salvaram o casamento, após esse encontro transcendental. É uma premissa da fé a “nova vida”, o abandonar o “velho homem” e caminhar para se tornar mais parecido com Jesus. Com isso vem junto algumas bagagens morais que fazem



**SE ESTAMOS
FALANDO DE
EVANGÉLICOS,
ESTAMOS FALANDO
DE CLASSE
TRABALHADORA!**

MÁRCIA SILVA – MTD

Evangélicos – Renda:



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo país em 5 e 6 de dezembro (2019); margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

com que alguns espaços de sociabilidade fiquem restritos a ambientes onde não há tentações que poderiam levar esse fiel a pecar, além de dar um testemunho negativo para os crentes e não-crentes. A ideia do testemunho é importante para compreendermos a identificação com o pastor ou pastora, visto que, muitas vezes, é essa conexão que faz o fiel querer a superação também.

Assim, tudo que remete a essa vida antiga é cortado, inclusive algumas amizades, relações. A noção da moralidade é fortemente trabalhada, o falar palavrões, o ir para o bar encontrar amigos, beber álcool, ir em baladas e festas, ouvir músicas “do mundo” são coisas não muito bem vistas e geram culpa. Assim como andar com pessoas que não são da igreja, a não ser que seja com o objetivo de conversão delas.

O que não quer dizer que não haja negociações, como a relação do funk e a juventude evangélica, apontada pela pesquisadora Réia Silvia Pereira. Ela diz que o funk e as igrejas compõem a mesma paisagem nas periferias e são partes fundamentais para a sociabilização nas cidades. Assim como a relação de tráfico e evangélicos, nada incomum no cotidiano das comunidades, tema muito bem trabalhado por Christina Vital.

Ou seja, temos que ser cuidadosos, respeitando os limites, as crenças, apostando inicialmente no caminho que nos une até que as negociações internas apareçam com naturalidade: “adoro funk!”.

Uma outra desconfiância no diálogo: quando apresentado novas ideias, os crentes irão querer verificar na Bíblia e com o seu pastor ou pastora para ver se isso é ou não é de Deus. É muito importante adentrarmos no universo bíblico, dado que ele é hoje o principal, quando não único, livro que a classe trabalhadora acessa.

Angélica Tostes nos traz essa importante reflexão: “Partindo do princípio que todo texto sagrado, ou texto da religião, é fruto da cultura, ou seja, molda o pensamento de seu contexto histórico-social, como estamos lidando com a questão da Bíblia entre a esquerda? Há um analfabetismo cultural acerca do texto, que vai além da fé, mas de compreensão de seu conteúdo, relevância histórica e impactos



políticos-religiosos nas sociedades em que a Bíblia esteve presente – para bem e para mal. Setores conservadores e fundamentalistas nunca largaram de mão, e continuam a dizer que detêm o poder e controle sobre ele, que há apenas uma única visão acerca da Bíblia. Na tradição latino-americana, temos a preciosidade do método da Leitura Popular da Bíblia (LPB), que surgiu a partir dos encontros populares e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na tentativa de encontrar correlações bíblicas para a história do povo sofrido. A LPB possui método de leitura que consiste na tríade: Realidade – conviver com o povo, aprender o que eles sabem, ser povo; Bíblia – trazer a Bíblia para o diálogo com o cotidiano, para a realidade, e buscar respostas; Comunidade – partilhar o pão, a vida, através da transformação comunitária da realidade”.

Nesse contexto, nesse livro, as ideias também podem ser, para o evangélico, pecaminosas! Por isso, a linguagem adequada é necessária para conseguirmos nos comunicar com os setores evangélicos. Mas, cuidado, não adianta falar de Deus se você não acredita em Deus, adequar a linguagem não é falar a partir da voz do outro, mas ter uma linguagem comum, que comunica, entender a filosofia do outro que dialogue com a nossa filosofia, transformando esse diálogo no novo. Não é, de forma alguma, imitar um trejeito crente, o povo não é tonto.

Muitas vezes consideramos difícil o diálogo porque encontramos barreiras que já foram trabalhadas nas igrejas, nos grupos de WhatsApp, sobre algumas palavras como feminismo, direitos humanos, gênero... Precisamos aprender a disputar essas palavras e não vamos fazer isso sozinhos, visto que temos aliados evangélicos, teólogos e teólogas que já produzem conteúdos e algumas estratégias que precisamos absorver em nosso trabalho de base.

Vejam, insistimos! Aqui não queremos defender, de forma alguma, que não devemos operar a partir da luta contra as desigualdades de raça, classe e gênero, mas, novamente, COMO tratar essas questões com o campo conservador religioso, que, bombardeado cotidianamente com distorções sobre essas pautas, vestiu a camisa da “igualdade” sem considerar as diferenças históricas e estruturais de nosso país, das quais quase sempre

são vítimas, ainda que defendam o contrário. Não é uma equação fácil e, como já mencionamos, fugir dessas questões ao invés de ampliar o diálogo deixa um espaço aberto que a direita sabe usar. Precisamos sim falar de raça, classe e gênero, mas sem uma aproximação efetiva, cotidiana e, principalmente, profundamente respeitosa, não conseguiremos.

O ponto de partida deve ser o princípio freiriano em acreditarmos na capacidade do outro – e de nós mesmos – de sermos mais. Ser mais é compreender que aprendemos no diálogo com o outro, assim como ensinamos. Que a lógica discursiva dos trabalhadores periféricos que frequentam as igrejas evangélicas opera a partir de, muitas vezes, visões de mundo conservadoras e fundamentalistas, mas que, no entanto, a concretude de suas vidas cotidianas estão sempre no caldo de suas negociações internas.

Nesse sentido, conversando com diversos companheiros que estão nos territórios periféricos fazendo o trabalho de base, compreendemos que é necessário ouvirmos o evangélico e exercermos aquilo que chamamos de escuta atenta – que ouve com atenção, que busca interpretar o que ouve –, e assim percebermos nas suas falas, em sua vida cotidiana, as fissuras dos discursos fundamentalistas em suas realidades, mas também como a igreja foi espaço de construção de respeito e dignidade. O militante do MST Luciano Carvalho acredita que temos que ir além da escuta atenta e cuidadosa, mas construir possibilidades de escuta que crie elos de confiança para podermos nos colocar, falar, mas que todos envolvidos compreendam o diálogo como uma troca profunda e humana. Não colocarmos o outro em armadilhas ou arapucas de convencimento nas entrelinhas. Acreditar na inteligência de nossa base, na capacidade de compreensão da realidade da forma que de fato essa realidade é. Ao acreditar de fato nisso, nossa relação fica inclusive mais leve – não estamos nem no ataque nem na defensiva, porque partimos do pressuposto que, ainda que com papéis distintos, estamos falando de igual para igual. Ou seja, entendermos que assim como somos capazes de escutar, somos capazes de sermos escutados. É nessa relação com o outro – onde não enquadramos o outro em sua crença, ao mesmo tempo que consideramos sua religiosidade e suas tantas formas de viver sua espiritualidade – que as questões de raça, classe e gênero podem ser colocadas com toda a relevância e profundidade.

É interessante pensar como algumas de nossas ações podem ser compreendidas como arrogantes, muitas vezes pelo nosso próprio desconhecimento sobre o tema. Vale aqui trazermos um pequeno trecho do teólogo protestante Rubem Alves: “Aqui é necessário lembrar que, se no catolicismo existe um privilégio dos olhos e da contemplação, no Protestantismo são os ouvidos que se hipertrofiam. Mas, o que é que deve ser ouvido? A Palavra de Deus, pregada em sua pureza. Palavra que é regra de fé e prática, que se impõe como imperativo”. O que podemos refletir sobre esse trecho? Que se os ouvidos estão prontos para ouvir, há duas questões que temos que pensar: 1) não é qualquer palavra que estão dispostos a ouvir, mas a Palavra de Deus e 2) se os ouvidos se hipertrofiam, é papel do protestante, além de ouvir: falar, convencer. Ou seja, nessa tentativa de diálogo, não somos os únicos a querer levar “nossa palavra”, são narrativas em disputa e vale lembrar que a igreja forma oradores – defender a Palavra é tarefa cristã, ou seja, se achamos que só nós temos o que dizer, saibamos que, por princípio, começamos errado.

Os evangélicos são muito bons na oratória, no convencimento da Palavra, no conhecimento e, além de tudo, as práticas litúrgicas do pentecostalismo e neopentecostalismo utilizam instrumentos que fortalecem a Palavra, a partir de construções estéticas que se constituem para esse convencimento. São formados para isso e são leitores vorazes da Bíblia, além de excelentes músicos. Aline, militante do MST, que é católica, em seu trabalho de base em Maceió diz: “Nossa missa é muito maçante, quase fomos convertidas quando fomos para o culto!”

Então mais uma questão: para além do discurso, há toda uma construção estética em disputa também.

Como conta a companheira Marina, foi a partir do filho de uma pastora evangélica, ligado às Brigadas do Congresso do Povo, que conseguiram formar um diálogo com os pastores do bairro para organizar as doações de alimentos. Como estratégia de aproximação, os militantes se apresentaram como pessoas incomodadas com a situação pandêmica e social dos bairros, não já com as bandeiras dos movimentos e partidos de esquerda. Essa abertura com a pastora fez com que aos poucos as relações de confiança fossem estabelecidas no território, e assim puderam ir apresentando aos poucos o

movimentos, o motivo de estarem ali. Marina nos conta um pouco desse diálogo

E fizemos campanha de roupas, calçados, móveis, fizemos diversas campanhas com eles. E eles têm uma gratidão muito grande, porque eles viam que eram gestos de solidariedade de um pequeno grupo, até teve uma fiel que veio uma vez: “Até agora não entendi porque vocês vieram”. Aí a gente: “Olha, como é que você vê esse governo?”. Ela, que era uma jovem, inquieta: “Meu Deus, a gente não tem governo! Vou falar a linguagem nossa aqui, a gente tem um capeta dirigindo o mundo”. Aí eu: “É, essa visão sua é a nossa visão, nós temos um alguém aí que tá aí que não se preocupa com essa sociedade, principalmente com os menos favorecidos”.

A gente não vai conversar com os evangélicos querendo falar da religião dele, para isso ele tem a comunidade de fé, a gente não quer e nem vai substituir a igreja. Mas, dificilmente um evangélico não falará da fé, e quando isso acontecer, precisamos estar atentos e atentas, com os ouvidos abertos, para aprendermos e, quando for necessário, fazer algumas conexões a partir desse diálogo. Trazer, onde conseguimos, o concreto das nossas pautas, onde conseguimos somar na comunidade, dessa rede, com o trabalho de base e batalha de ideias. O companheiro Tobias, do MTD de Brasília, traz esse ponto quando se pergunta:

Vamos falar de religião? Não, eles não querem falar de religião com a gente, essa é uma demanda nossa, eles têm outras demandas concretas que podemos contribuir. O caminho é dado pela escuta atenta, temos que nos preparar para um processo criativo dessa escuta que envolve construção de laços de confiança. Como criar esses laços de confiança? Solidariedade.

A solidariedade é um ponto chave para trazermos esses companheiros e companheiras evangélicos para a luta. A fé evangélica é uma fé de esperanças, de múltiplas interpretações, de desejos por uma vida melhor,

emocional e física, é necessário estarmos atentos para isso. A concretude e a abertura ao diálogo a partir da fé se unem, talvez não pelos militantes não-religiosos, mas sabemos que nossos movimentos estão cheios de pessoas de variadas religiosidades, e que podem auxiliar nessa travessia.

“A gente tá pagando tão caro por conta dos evangélicos conservadores ... a gente abre a boca e não consegue nem falar”

Por isso, sistematizamos aqui alguns pontos que fomos encontrando nesse caminho de diálogo com evangélicos e militantes não-religiosos:

1. Antes de qualquer coisa, se queremos militar com os evangélicos, é no cotidiano de nossa classe, a partir de nossa **escuta atenta e respeitosa, construindo laços de confiança e de solidariedade** que poderemos avançar com pautas tão íntimas e cruciais para o processo de luta e transformação de nossa sociedade. Importante compreender o papel da família na estrutura capitalista e como as tantas instituições dessa estrutura orbitam nos processos de opressão;
2. Para de fato começar, vale a máxima freiriana: nos despirmos. Estamos em um primeiro momento de escuta, de deixarmos nossas falas prontas e enfáticas para um outro momento, para outros espaços. Escuta atenta, proximidade, respeito e desconstrução lenta a partir da construção de laços de confiança é fundamental para avançarmos. Temos que ter a humildade de dizer, de perceber que não sabemos realizar, ainda, esse diálogo, que estamos cuidadosamente tateando e que ouvir é a melhor estratégia para agora;
3. O papel das mulheres é de conversão, elas são a porta de entrada da igreja para seus filhos e maridos. São negras, são pobres. Quando a esquerda coloca suas pautas sobre gênero nas periferias e quer fazer esse diálogo, tem que considerar que boa parte das mulheres pobres estão na igreja e que isso faz bem para a vida delas, que isso mudou

a vida delas e que temos que construir um diálogo dentro dessas características;

4. É necessário levar a pauta sobre direito ao aborto para as mulheres na periferia, e precisamos ter em mente que estamos falando com mulheres crentes também. Precisamos entender que as mulheres crentes também abortam, mas que o referencial cristão do direito à vida está em disputa. Para essa disputa, temos que dialogar e, para dialogar, temos que aprender uma nova linguagem, uma linguagem outra que nos escapou. Precisamos, portanto, falar com as mulheres evangélicas que defendem o direito ao aborto e entendermos as possíveis visões colocadas, potencialmente transformadoras e não insistirmos em formas “nossas” que têm aniquilado o diálogo;

5. Ao falar sobre violência doméstica, temos que compreender que as mulheres evangélicas, ainda que bombardeadas por discursos da submissão, são protagonistas de inúmeras histórias de superação, ou seja, mesmo com a igreja e também muitas vezes com a ajuda da igreja, foram capazes de transformar suas histórias e que esse é um tema que devemos adentrar com delicadeza, com processos que muitas vezes são longos de desconstrução. Orar é importante para as mulheres crentes, assim como a Bíblia, assim como as leis que a protegem, uma coisa não pode aniquilar a outra se não podemos reproduzir a mesma forma que muitos pastores impõe: *ore, não precisa denunciar*, no nosso caso: *denuncie, não adianta orar*. Precisamos produzir novas sínteses: oremos, não julguemos, sejamos solidárias umas com as outras, nos encorajemos e denunciemos onde houver condições para isso. Lembremos que não há Estado nas periferias para garantir direitos, então pregar algo que não se sustenta na prática também não resolve. Antes é preciso se organizar, se apropriar de ferramentas legais e ainda se articular e lutar para fazer chegar as políticas que sustentam e dão retaguarda ao rojão do pós-denúncias;

6. Acerca da sexualidade, temos que compreender esse corpo crente em disputa entre aquilo que se é e aquilo a que se submete; compreendemos o quanto a igreja oprime esses corpos, mas também o quanto a relação de cumplicidade entre essas mulheres e Deus permitiu que muitas mulheres crentes pudessem viver de forma mais livre suas sexualidades e a relações com seus corpos;
7. Para as pautas da família e igualdade de gênero temos que compreender o papel da mulher trabalhadora crente no interior do seu núcleo familiar e na igreja, assim como a relação profunda desses dois espaços – que ora oprime, ora liberta. É uma relação cheia de contradições, e por isso desconsiderá-la não pode ser o caminho, mas construir novas sínteses transformadoras dessa relação contraditória;
8. Vale lembrar que teologicamente o protestantismo avança no processo de secularização – a relação de indivíduo e Deus não precisa de intermediação; no entanto, temos 500 anos de hegemonia católica, com a figura do padre muito forte no que se refere ao bem e ao mal. O pastor é liderança nos nossos territórios, muitas vezes, é ele que diz em quem se vota. Temos que ter uma estratégia de diálogo com esses pastores, que muitas vezes são tão pobres quanto os fiéis e também estão em disputa;
9. Sobre o voto: a pauta moral é muito forte, os evangélicos da base não se identificam necessariamente com a Bancada Evangélica, mas o pânico moral sustentado no medo de que a esquerda vai destruir a família e a igreja é muito presente. Como combater? Vale dizer também que muitos evangélicos que votaram no Bolsonaro já votaram em Lula, ou seja, a equação voto-evangélicos é difícil de responder, assim como a equação voto-classe trabalhadora. Nós aqui defendemos que garantir o voto progressista é consequência desse encontro potente e verdadeiro com os companheiros crentes e não deve, de forma alguma, ser nosso primeiro e único diálogo com a base. O povo não aguenta mais ser visitado de dois em dois anos, como estamos cansados de saber;

10. Desculpem, vocês já ouviram isso, mas insistimos: não generalize os evangélicos! O pator argentino Nestor Miguez nos diz: “se continuarmos afirmando que os evangélicos são conservadores, alienados e de direita eles se convencerão disso e aniquilamos o diálogo”;
11. Queremos mesmo entender os fenômenos e tudo o que está envolto nele? Vá ao culto, entenda a liturgia, escute o que o pastor, a pastora está falando, os olhares, o sentimento ali presente, não para olhar o “outro”, aquilo que não sou eu, mas para enxergar também em si o que move e comove a nossa classe;
12. Uma coisa básica que vale a pena saber: o transe não é necessariamente charlatanismo, há muitos elementos espirituais e da psicanálise que compreendem o fenômeno como genuinamente verdadeiros. Respeitar a experiência religiosa e espiritual é essencial, não apenas para com os evangélicos!
13. Vejam só essa informação de Mauro Paulino, Datafolha: “boa parte das mulheres e dos negros evangélicos mantêm opiniões divergentes das que predominam nas igrejas. (...) são os seguimentos mais críticos ao governo Bolsonaro (...). para muitos evangélicos, especialmente os mais pobres, a realidade violenta e carente das periferias se sobrepõe às possíveis orientações políticas dos cultos”. Ou seja, nosso papel é evidenciar os responsáveis pelo aprofundamento dessa realidade;
14. Vale considerar: os evangélicos (maioria) são mais sensíveis às pautas de renda do que identitárias – e aqui, de novo, vamos sim trabalhar as pautas identitárias em nossos territórios, mas talvez necessidades mais cotidianas da vida dos trabalhadores sejam mais eficientes na construção de elos de proximidade e confiança entre militantes e base evangélica. Nossos companheiros têm demonstrado, por exemplo, que a prática de solidariedade tem sido uma bandeira importante de ações comuns nos territórios junto aos evangélicos;

15. Vale considerar também: evangélicos (maioria) se identificam como conservadores, ou seja, o termo não é um problema para eles, é uma identidade;
16. Deixamos uma dica: nas entrevistas que realizamos até agora, estamos convencidas que a esquerda não tem mais a opção de apenas neutralizar o discurso fundamentalista religioso. Os crentes têm um papel ativo em suas comunidades. Fazer uma célula progressista na periferia sem disputar a narrativa fundamentalista das igrejas é um risco muito grande, dado que estamos convencidas que o povo não vai sair da igreja e que a igreja pode ser um espaço de acolhida, espiritualidade, lazer e tudo mais. Ela não precisa ser o único espaço, mas que tudo bem ela continuar sendo, contanto que as tantas formas de opressão sejam disputadas e desconstruídas;
17. Muitas vezes temos um pressuposto sobre os evangélicos, como se já soubéssemos o que eles estão pensando, mas nem sempre esses pressupostos são verdadeiros, já que as tantas identidades de nosso povo (assim como as nossas) estão em constantes disputas. Quase sempre nos equivocamos quando enquadramos uma pessoa em apenas uma de suas identidades. Como sabermos o que nosso companheiro evangélico pensa sobre um tema? Provavelmente não será em uma reunião ou em uma entrevista. Nosso povo, quase sempre, fala pouco em reuniões e, quando fala, um sim pode querer dizer não, ou eles podem falar apenas o que queremos ouvir. O mais profundo vamos captar nas entrelinhas, nas sutilezas, após um tempo de convívio respeitoso, em conversas francas;
18. Se queremos fazer trabalho de base nas periferias com a juventude temos que considerar que para boa parte dos jovens os únicos espaços identificados enquanto coletivos são os grupos da igreja. As igrejas evangélicas oferecem espaços de socialização através da música, fazendo com que muitos jovens possam aprender instrumentos, formar uma banda e tocar nos cultos. Também possibilitam rede de empregos e contatos para os jovens, vítimas principais

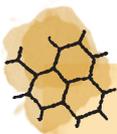
do desemprego. Ainda no tema da socialização: a igreja, ao oferecer espaços de fala e escuta, pode ser um antídoto para o adoecimento mental que atinge prioritariamente os jovens e que se manifesta nas mutilações do corpo, depressão, ansiedade e até mesmo suicídio. Insistimos que considerar e dialogar com a identidade religiosa da juventude crente é fundamental para o diálogo e para a aproximação respeitosa;

19. O campo popular ainda precisa compreender que a Bíblia é um elemento de fé importante para a classe trabalhadora, e que esse fiel é também interseccionado pelas múltiplas opressões que o neoliberalismo submete a todos e todas. Vale lembrar que a Bíblia foi e é instrumento de resistência e luta em nossa América Latina.



CONVERSE COM SEU GRUPO / COLETIVO / NÚCLEO DE BASE:

1. Quais outros pontos vocês acrescentariam? Como, em suas práticas cotidianas, já avançaram nesse diálogo? O que não deu certo? Quais os erros que ficaram nítidos nas suas práticas cotidianas nesse desafiador diálogo?
2. Já realizaram trabalhos com grupos de evangélicos? Um companheiro socializou uma interessante experiência com um grupo de jovens evangélicos para um curso de teatro. Receoso, achou que temas espinhosos seriam um problema, mas percebeu que a disciplina e comprometimento a que estavam acostumados, o respeito entre meninos e meninas, a facilidade na leitura de textos mais complexos por conta de uma aproximação cotidiana com a Bíblia e o fato de a maioria saber tocar um instrumento tornaram a experiência muito positiva, desconstruindo diversos preconceitos que o companheiro tinha. Conversem sobre isso, quais experiências positivas que tiveram ou ouviram de grupos evangélicos que surpreenderam positivamente suas expectativas;



3. Quais as portas de entrada possíveis para esse diálogo? Como trouxemos, dificilmente adentrarmos este universo com pautas nossas de forma enfática será eficiente; vamos então elencar outras possibilidades? Que tal propor alguma atividade por meio de um militante de esquerda evangélico na igreja dele? Converse com companheiros de outras cidades, outras regiões, o que deu certo e o que não deu nessa tentativa de diálogo inicial?

...



An illustration of a brown acoustic guitar with a white pickguard, positioned vertically. A yellow wavy line representing a musical staff or sound wave flows behind it. Various musical notes, including a treble clef, a bass clef, and a sharp sign, are scattered around the guitar. The background is decorated with green leaves and blue bell-shaped flowers hanging from thin black stems.

Considerações (não tão) finais: Evangélicos são companheiros de classe, ainda que em disputa!

Trilhamos esse caminho da cartilha juntos e juntas, mas sabemos que esse não é o fim. É o início de uma jornada que a nossa militância hoje se lança. As considerações finais desse caminhar, na verdade, não encerram as discussões, mas antes se abrem para novas perguntas, novas possibilidades de ação nos territórios a partir desses dados e conhecimentos. Um desafio está posto para nós, “vivenciarmos a militância ao lado dos evangélicos”; como fazer isso, vamos descobrir nesse caminho de relações e laços de confiança.

Aprendemos um pouco mais sobre quem são os evangélicos, alguns pressupostos de sua fé, assim como os dados quantitativos que hoje estão disponíveis. Vimos quais são os motivos que fizeram dos evangélicos um grupo em ascensão, como a igreja acolhe, sustenta e dá voz, ainda que com contradições, para esse fiel, que, segundo dados é, em sua grande maioria, uma mulher negra, pobre e periférica.

Tivemos a coragem de olhar para nós mesmos, ver nossos pontos fracos, enxergando lados da história que talvez a gente não conhecesse. Nos confrontamos com nossos preconceitos para superá-los. E também vimos como discursos do

conservadorismo e fundamentalismo moldaram o que os evangélicos pensam sobre a esquerda e movimentos populares. É necessário o enfrentamento com sabedoria.

Os fundamentalismos religiosos assolam os territórios, a mídia e a vida cotidiana de todos nós. Vimos algumas chaves para compreendermos esse fenômeno, e também algumas apostas para sua superação. Ela será feita quando juntarmos forças, ainda maiores, com os evangélicos progressistas que formam essa ponte entre a esquerda e os evangélicos, nos auxiliando nas melhores maneiras de ações e linguagens.

O diálogo espinhoso entre gênero e religião é uma bandeira levantada pelo fundamentalismo. Vimos como as falácias da “ideologia de gênero” são trabalhadas com a classe trabalhadora, e que palavras como feminismo e gênero foram deturpadas, com a ameaça que destruiriam as famílias. Por isso precisamos pensar como criar e manter a Batalha de Ideias, pensando estrategicamente quais as melhores palavras, momentos e pautas para iniciar esse diálogo. Tendo como premissa que eles acontecerão a partir de relações e laços de confiança com os evangélicos a partir do trabalho de base nos territórios.

O que nos une é a concretude da vida cotidiana. Não queremos substituir a fé ou a igreja, mas, antes, criarmos um relacionamento e entendimento que ambos trabalham em prol da dignidade humana, da vida abundante que os evangélicos tanto acreditam, para o alimento, o trabalho, a saúde, a moradia e educação que tanto precisamos. Mas devemos estar preparados para compreender a linguagem religiosa, e como trabalhar nas multiplicidades de interpretações que existem, interpretações libertárias e não fundamentalistas.

Antes de nos despedirmos de vocês, iremos deixar uma lista de materiais, alguns já citadas aqui e outros complementares, que irão ajudar o aprofundamento dessa relação, permeada de contradições, mas com a possibilidade transformar realidades e avançar no trabalho de base nos territórios onde estamos presentes.

Materiais para o aprofundamento:

- O estudo de quatro partes do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social pela pesquisa Evangélicos, Política e Trabalho de Base: **Quando a fé encontra a luta: as vozes das mulheres evangélicas do MST** (2021).
- A tese de doutorado do companheiro do MST Marco Fernandes, pela USP: **A falta que faz a mística. Elementos para a retomada do trabalho de base nos movimentos populares** (2010).
- O documentário de João Moreira Salles: Santa Cruz (2000).
- A pesquisa de mestrado da Réia Silvia Pereira, pela Universidade Federal do Espírito Santo: **Fé em Deus, DJ: Funk e Pentecostalismo Entre Jovens das Camadas Populares** (2014).
- O livro da pesquisadora Christina Vital pela Editora Garamond: **Oração de traficante** (2015).
- A pesquisa de Magali Cunha, publicada por Koinonia Presença Ecumênica: **Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação** (2020).
- O estudo do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social pela pesquisa Evangélicos, Política e Trabalho de Base: **Cultos online e as fissuras do fundamentalismo religioso no Brasil** (2020).
- O livro de Rubem Alves pela editora Loyola: **Dogmatismo e Tolerância** (2004).
- O livro de Odja Barros pela editora Recriar: **Flores que rompem raízes: Uma leitura popular e feminista da Bíblia** (2020).

- O documentário de Marcos Pimentel: Fé e Fúria (2019)
- O livro de Michael Löwy da Editora Expressão Popular e Fundação Perseu Abramo: **O que é cristianismo da libertação – religião e política na América Latina.**
- **Papo de Crente** – programa de rádio semanal veiculado pelas redes da Frente Evangélica pelo Estado de Direito e por diversos veículos de comunicação, que traz informação de qualidade para o público evangélico <https://open.spotify.com/show/3ZP0KnBaiM2RuxqZ0dweYf>
- Para saber mais sobre leitura popular da Bíblia: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/sobre-leitura-popular-da-biblia-parte-i/>







tricontinental

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social é uma instituição internacional, organizada por movimentos, com foco em estimular o debate intelectual para o serviço das aspirações do povo.

Saiba mais:

 thetricontinental.org/brasil

 [@tricontinental_br](https://www.instagram.com/tricontinental_br)

 [@Tricon_pt](https://twitter.com/Tricon_pt)

Parceria:

**expressão
POPULAR**

expressaopopular.com.br

